



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

RAYSSA BEATRIZ MELO OLIVEIRA

RELATÓRIO

DISCOTECA FRENÉTICA: um podcast sobre os embalos da música disco

João Pessoa

2023

RAYSSA BEATRIZ MELO OLIVEIRA

DISCOTECA FRENÉTICA: um podcast sobre os embalos da música disco

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial necessário à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Monteiro Cruz Mendes.

João Pessoa

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586td Oliveira, Rayssa Beatriz Melo.

Discoteca Frenética : um podcast sobre os embalos da
música disco / Rayssa Beatriz Melo Oliveira. - João
Pessoa, 2023.

71 f. : il.

Orientação: Patrícia Monteiro Cruz Mendes.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Jornalismo cultural. 3.
Rádio expandido. 4. Podcast jornalístico. 5. Música
disco. I. Mendes, Patrícia Monteiro Cruz. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 070(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

ATA DE APROVAÇÃO

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aluna: Rayssa Beatriz Melo Oliveira

Título do trabalho: DISCOTECA FRENÉTICA: um podcast sobre os embalos da música disco

Aprovado em 13 de novembro de 2023, com média 10,0.

BANCA EXAMINADORA

Professora orientadora: Profa. Dra. Patrícia Monteiro Cruz Mendes

Universidade Federal da Paraíba

Assinatura: Patrícia Monteiro Cruz Mendes

Professor examinador: Prof. Dr. Marcelo Rodrigo da Silva

Universidade Federal da Paraíba

Assinatura: Marcelo Rodrigo da Silva

Membro examinador(a): Bela. Giovanna Vilma Ismael da Costa

Assinatura: Giovanna Vilma Ismael da Costa

AGRADECIMENTOS

É com um sentimento que transborda o meu coração, que eu gostaria de agradecer aos meus pais, Consuelo Melo e Sérgio Oliveira, por terem tornado meus sonhos possíveis, e ao meu avô, Aluizio Oliveira, por ter me ensinado a sonhar. Eles fizeram questão de encher a minha infância com livros, cantores, discos e histórias interessantíssimas, que impulsionaram a minha imaginação. Mas o que eles não sabiam era que o mais interessante desses momentos era o tempo que eu passava ao lado deles.

Agradeço também a todos aqueles que fazem parte dessa minha estranha e magnífica experiência de ser/virar adulta. João Pessoa não teria se tornado um lar sem o aconchego de vocês. Um salve às minhas “mulheres do 302”, aos “moderninhos e moderninhas”, à “Nath B.”, ao meu querido “clubinho” e ao “mon couercouer”. Jaqueline Rodrigues, Adailson Paiva e Ana Carla Augusto, jamais esquecerei do auxílio de vocês na realização deste TCC. Gratidão por terem topado contribuir com o meu caos de concluinte.

Um obrigada especial a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória enquanto estudante, desde o ensino fundamental até o superior. A docência é a profissão mais espetacular do mundo e eu espero que um dia a minha admiração possa se transformar na concretização de ser uma de vocês. A menção honrosa que representa esta categoria é à minha orientadora, Patrícia Monteiro, que me mostrou que existe afeto, carinho e compreensão dentro do ambiente acadêmico. As aulas dela ficarão vivas em minha memória e a sua contribuição na construção deste trabalho foi essencial. Aos participantes que aceitaram compor a banca examinadora, Gi Ismael e Marcelo Rodrigo, expressei minha eterna gratidão pela disponibilidade e pelos conselhos e comentários que com certeza edificarão minha trajetória.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao meu melhor amigo felino, Ziggy, que sempre dedica um tempo do seu dia corrido entre muitas sonecas para “fazer pãozinho” em mim quando estou cansada. Sua existência ajuda tanto na minha rotina que, moralmente, acho que todos os meus trabalhos acadêmicos deveriam te incluir como co-autor.

Pode parecer que eu estou falando de metodologia. Mas eu estou falando de amor.

Kleber Mendonça Filho em Retratos Fantasma (2023).

RESUMO

A música disco é um gênero musical surgido na década de 1970 a partir de influências como *funk*, *soul*, *jazz* e salsa. Como tantos outros estilos criados e abraçados por mulheres, pessoas pretas, latinas e LGBTQIA+, sua história é marcada por um processo de incompreensão, preconceito e apropriação. É a partir do interesse por esta cultura, que o presente relatório de Trabalho de Conclusão de Curso descreve o processo de criação de um podcast jornalístico e narrativo sobre as raízes da disco music chamado “Discoteca Frenética”. Para isso, são utilizados os conceitos de rádio expandido, jornalismo cultural, subjetividade, podcast jornalístico e método histórico de pesquisa. Com a intenção de contextualizar esta trajetória no mundo e no Brasil, focamos em uma perspectiva sócio-histórica da disco, sem a intenção de julgá-la ou analisá-la musicalmente. O resultado foram quatro episódios intitulados: Faixa 1, Abra suas Asas, Fim de Festa e Renascença. Em cada um deles, participam historiadores, pesquisadores, amantes de música disco, DJs, parentes e amigos. Os episódios do *podcast* “Discoteca Frenética” foram disponibilizados através das plataformas Spotify for Podcasters (antigo Anchor) e Youtube no link a seguir: <https://linktr.ee/discotecafrenetica>.

Palavras-chave: jornalismo cultural; rádio expandido; podcast jornalístico; música disco.

ABSTRACT

Disco music is a music genre that emerged in the 1970s from influences such as funk, soul, jazz, and salsa. Like so many other artistic styles created and embraced by women, black, Latino, and LGBTQIA+ people, its history is affected by a process of misunderstanding, prejudice, and appropriation. It is out of interest in this culture that this report describes the process of creating a journalistic and narrative podcast about the roots of disco music called "Discoteca Frenética". For this purpose, the concepts of expanded radio, cultural journalism, subjectivity, podcast journalism, and the historical research method are used. With the intention of contextualizing this journey in the world and in Brazil, we sought to focus on a socio-historical perspective of disco, without the intention of judging or analyzing it musically. The result is four episodes titled: Faixa 1, Abra suas Asas, Fim de Festa, and Renascença. The episodes of the "Discoteca Frenética" podcast were made available on Spotify for Podcasters (formerly known as Anchor) and Youtube on the following link: <https://linktr.ee/discotecafrenetica>.

Keywords: cultural journalism; expanded radio; journalistic podcast; disco music.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Páginas do artigo “The disco style: love thyself”, de Albert Goldman.....	15
Figura 2 - Fotografia de Marcelo Alves com o seu vinil de “Embalos de Sábado à Noite” enviada pelo Whatsapp junto com os áudios da sua entrevista.....	22
Figura 3 - Captura de tela da videochamada com o Prof. Luiz Eduardo Oliveira.....	23
Figura 4 - Fotografia tirada no dia da entrevista realizada com o DJ Brazinha.....	24
Figura 5 - Capa do podcast.....	26
Figura 6 - Capa do episódio “Faixa 1”.....	27
Figura 7 - Capa do episódio “Abra suas asas”.....	27
Figura 8 - Capa do episódio “Fim de festa”.....	28
Figura 9 - Capa do episódio “Renascença”.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 A EXPANSÃO DO RÁDIO ATÉ O PODCAST: NARRAÇÃO E SUBJETIVIDADE NA HISTÓRIA DA MÚSICA DISCO.....	11
2.1 O Jornalismo cultural no resgate de raízes.....	14
2.2 O método histórico no jornalismo.....	16
3 RELATÓRIO DE PRODUÇÃO.....	19
3.1 Pré-produção.....	19
3.2 Produção.....	21
3.3 Pós-produção.....	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

O caldeirão de acontecimentos que marcaram a cultura da década de 1960 não pode ser compreendido sem um “tempero” crucial: a música. A invasão britânica dos Beatles e Rolling Stones, a entrada da psicodelia no *rock*, a virada elétrica da sonoridade de Bob Dylan e o Festival de Woodstock são apenas alguns dos principais momentos musicais para os estadunidenses. No Brasil, a Jovem Guarda e a Tropicália - diretamente influenciadas pela produção musical estrangeira - adicionaram elementos nacionais ao que veio de fora durante períodos conturbados e sombrios da história do país. A mistura do *rock* psicodélico com o baião, a língua portuguesa e elementos musicais tradicionalmente nordestinos são exemplos disso.

Parece ser praticamente impossível pensar na música dos anos 60 sem relacioná-la diretamente ao contexto histórico e aos acontecimentos que marcaram o período, como a Guerra Fria, a Guerra do Vietnã, a ditadura militar e movimentos contraculturais. Este não é um fenômeno exclusivo desta década. É comum pensar também na sensação de “modernidade” que dominava o Brasil dos anos 50 e a sua relação com a bossa nova, por exemplo. Um movimento cultural e musical não teve este privilégio durante muito tempo: a *disco music* (ou música disco). No período em que esteve no seu auge, ela foi compreendida como alienada, exclusivamente comercial e, portanto, longe de ter o prestígio e a carga política e intelectual que o *rock* ou o *folk* tinham. Inclusive em terras brasileiras, a disco não era vista com bons olhos por representantes de outros movimentos musicais, como a MPB (Faour, 2022).

Aqueles que se dispunham a defender a música disco eram poucos e, normalmente, ligados a movimentos que já a abraçavam. É o caso do artigo “In defence of disco” de Richard Dyer, publicado na revista independente britânica “Gay Left” em 1979. Nele, o autor procura defender a *disco music* e apresentar seus argumentos sob uma perspectiva marxista e LGBT. Para a posteridade, a cultura disco é lembrada pela sua estética festiva e noturna, e por obras como “Os Embalos de Sábado à Noite” e “Dancin’ Days”.

É por essa lacuna na compreensão das raízes da música disco e nas suas conexões com o movimento LGBT, negro e latino que surge o principal objetivo deste trabalho de conclusão de curso (TCC). Acredito que o jornalismo cultural é o caminho mais apropriado para trilhar a narrativa dessa história, pela sua especialidade em olhar para a música como um leque de possibilidades e elos com a sociedade ao nosso redor. Desse modo, através de um *podcast* jornalístico intitulado “Discoteca Frenética”, de caráter histórico, documental e narrativo será

contada a história da cultura disco e a sua ligação com movimentos culturais e com o momento político não só do país onde surgiu, mas também do Brasil, onde foi abraçada com toda a sua força.

No *podcast*, produto que resulta deste TCC, também terão um destaque especial os recentes "*comebacks*" ou retornos que a sonoridade disco teve no século XXI. O período compreendido será o do surgimento do gênero musical em meados da década de 1970 até a data do seu declínio no começo dos anos 80. Após isso, será realizado um salto temporal para os anos 2000, quando elementos da produção musical disco voltam a aparecer em faixas *pop*.

A divisão em quatro episódios acontecerá da seguinte maneira: *Faixa 1, Abra suas Asas, Fim de Festa e Renascença*. *Faixa 1* dará conta das origens e da ascensão da música disco no mundo. *Abra suas Asas* contará a chegada e o sucesso do gênero no Brasil. *Fim de Festa* será sobre a “morte” e o declínio da *disco music*. E, por fim, *Renascença* mostrará as marcas que as discotecas deixaram para a posteridade, em especial para a música do século XXI.

A escolha do tema veio por uma observação feita no período de isolamento social. Durante a pandemia de covid-19, a arte foi uma das poucas formas de escape que tivemos diante de um período tão difícil. Como em tantos outros momentos complicados, a música esteve presente como forma de reflexão, alento e, claro, escape. O ano de 2020 foi marcado pelo sucesso estrondoso de duas canções: “Don’t Start Now”, de Dua Lipa, e “Say So”, de Doja Cat. Ambas fortemente influenciadas pela era disco não apenas em sonoridade, mas também em estética de material de divulgação e videoclipe.

Não demorou muito para que fosse possível perceber um retorno amplo da *disco music* na música *pop* dos primeiros anos da década vigente, com álbuns completos de faixas totalmente inspiradas pelo gênero. “What’s Your Pleasure?”, de Jessie Ware, e “Renaissance”, de Beyoncé, lançados respectivamente em 2020 e 2022, são dois exemplos deste fenômeno.

Além disso, essa não é a primeira vez que a música disco faz um retorno. Em 2006, a cantora Madonna utilizou o sample de “Gimme! Gimme! Gimme! (A Man After Midnight)”, sucesso da banda ABBA, na sua canção “Hung Up”, que compõe um conjunto com outras faixas inspiradas pela disco no álbum “Confessions on a Dancefloor”.

Este retorno acabou recordando um momento crucial na história da era disco chamado “Disco Demolition Night”. O evento ficou marcado como o dia que a *disco music* morreu, após um radialista convocar pessoas que a odiavam para queimar vinis de artistas do gênero em um jogo de *baseball* em 1979. Este acontecimento é reconhecido não somente por isso, mas por ser considerado um movimento de cunho racista e homofóbico.

Seria uma ironia do destino a música disco nunca ter morrido e ter sobrevivido às críticas de efemeridade e frivolidade, ressurgindo de tempos em tempos. Mas a verdade é que seu retorno está muito mais associado a uma obsessão cultural por nostalgia e reciclagem do que por uma dita “resistência”. Mesmo assim, é inegável que, ao contrário do que os seus opositores diziam, ela tenha se tornado uma era musical admirada, referenciada e relevante até os dias de hoje.

É daí que surge a necessidade de contar a sua história e lembrar da sua importância, mas sem apagar as raízes que a envolvem e que pautam a sua existência. As contribuições da música disco para a música *pop* vão desde a sua duração até elementos de produção que podem ser ouvidos nas mais modernas faixas eletrônicas. Longe de ter morrido e de ter sido apenas um produto comercial alienante, a *disco music* foi a trilha sonora para momentos de liberdade dos grupos marginalizados que a criaram e tornaram famosa.

Através do jornalismo cultural, é possível apresentar os aspectos sociais da cultura disco, especialmente por esta ser uma especialização que tem como objeto a produção artística humana em suas mais diversas expressões. Além disso, adotaremos também a perspectiva do jornalismo de subjetividade e do *storytelling* no *podcast* jornalístico. A intenção é aproximar o ouvinte da história, contextualizando-o e trazendo-o para o universo das discotecas e da década de 1970. A prática jornalística é cheia de possibilidades e formatos, mas todos eles têm em comum a essência da narração de histórias.

A escolha do formato sonoro está na proximidade com o objeto. Ainda que a era disco também seja conhecida pelo seu brilho, roupas extravagantes e cores vibrantes, a sonoridade sempre foi seu aspecto mais marcante. O *podcast* será uma forma de valorizar e conversar com isso. Usando as possibilidades da mídia sonora, a história de um movimento tão musical se torna ainda mais viva para quem irá ouvi-la na atualidade. A disponibilização do material em plataformas sob demanda, como Spotify e Youtube, vem da relevância que ambas têm, sendo as mais utilizadas nos seus respectivos segmentos.

No segundo capítulo deste relatório, trataremos da fundamentação teórica e metodológica que guiou a realização do *podcast* “Discoteca Frenética”, trazendo conceitos ligados ao rádio expandido e conexão do *podcasting* com o jornalismo narrativo. A terceira seção é dedicada a explicar o processo de criação do *podcast*, desde a sua pré até a sua pós-produção. E por fim, na última parte, são apresentadas as conclusões e limitações que marcaram este trabalho.

2 A EXPANSÃO DO RÁDIO ATÉ O PODCAST: NARRAÇÃO E SUBJETIVIDADE NA HISTÓRIA DA MÚSICA DISCO

O som que as ondas do rádio trazem se misturam com o som da batida dos corações dos brasileiros. Não é à toa que a sua adesão em território nacional seja tão massiva. Ferraretto (2014) traz o conceito do rádio como “companheiro”, acabando com a solidão e servindo de ponte para os mais diversos recantos do Brasil. Entretanto, a revisão conceitual do que é definido como rádio passou pelas mudanças trazidas com o surgimento de novas tecnologias.

Para o autor, o século XXI exigiu que o rádio não fosse descrito apenas como tecnologia, mas sim como linguagem e criação cultural:

Uma mera descrição tecnológica passou a não servir mais – se é que um dia deu conta da complexidade do meio. Adota-se aqui uma visão que passa pela linguagem específica do rádio e, indo além, assimila proposição baseada no meio como instituição social ou, mais adequado ainda, criação cultural. (Ferraretto, 2014, p. 19)

As transformações que acometeram o rádio ao longo de sua história acabaram por não somente transformar a sua linguagem, mas também garantir sua transmutação enquanto meio de comunicação. E com a chegada da era digital não foi diferente.

A evolução da tecnologia tem ampliado radicalmente todos os meios de comunicação frente às opções à disposição dos consumidores, incluindo o centenário meio rádio. No passado, o rádio era limitado ao que estava disponível nas frequências AM e FM. Hoje as possibilidades de escuta se estenderam com as plataformas digitais: internet, players de MP3, celulares, satélite e rádio digital. (Del Bianco, p. 558)

É possível observar como a internet foi um catalisador de novas possibilidades para o rádio, contribuindo para trazer novas características à sua linguagem. Nesse sentido, Ferraretto (2014) afirma que o termo genérico “rádio” pode ter duas manifestações possíveis, a primeira se referindo ao “rádio de antena ou hertziano” e o segundo “rádio on-line”, que por sua vez compreende:

(1) rádio na web, identificando estações hertzianas que transmitem os seus sinais também pela rede mundial de computadores; (2) web rádio, para emissoras que disponibilizam suas transmissões exclusivamente na internet; e (3) práticas como o podcasting, uma forma de difusão, via rede, de arquivos ou séries de arquivos – os podcasts, nesse caso específico de áudio com linguagem radiofônica. (Ferraretto, 2014, p. 20).

A compreensão de rádio deste trabalho (que terá como produto final um *podcast*) é de que ele, enquanto linguagem, vai muito além da sua base inicial. Estando assim, em sintonia com o que Kischinhevsky (2016) define como “rádio expandido”. “O rádio é hoje o meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para

as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites e jornais, portais de música.” (Kischinhevsky, 2016, p. 13).

E é nesse transbordamento que se encontra o *podcasting*. Analisando-o como uma prática cultural e de consumo, Bonini (2020) o define como “uma tecnologia para distribuição, recepção e escuta sob demanda de conteúdo sonoro” (p. 13). De acordo com o autor, a produção deste material pode ser realizada por editores tradicionais, jornalistas e até mesmo produtores independentes.

Ferraz e Gambaro (2020) defendem que as regras que baseiam a constituição teórica do radiojornalismo podem ser aplicadas, em parte, ao *podcast* jornalístico também. A diferença observada pelos autores está na utilização de elementos produtores de subjetividade. Além das distinções mais óbvias, como assincronicidade e compartilhamento em redes sociais, a edição e trilha sonora desses materiais adicionam a camada do *storytelling*:

Tratam-se de recursos narrativos característicos do roteiro dramático que, incorporados à peça sonora, elevam o grau de subjetividade sem perder a objetividade necessária para a transmissão da informação. É, nesse sentido, que o programa dialoga com o atual fenômeno de construção de narrativas complexas, o qual, de modo cada vez mais comum, tem sido chamado de *storytelling*, ou a arte de contar histórias (Ferraz; Gambaro, 2020, p. 167).

Traremos o elemento do *storytelling*, também já visto em outros formatos como o do *new journalism* ou do jornalismo literário, para constituir os quatro episódios do *podcast*. Desde o nascimento até o ressurgimento da música disco, a narração preza pela imersão e humanização descritas e supracitadas. Afinal, a palavra-chave que define este trabalho, sem dúvidas, é *narrativa*.

Vale ressaltar que a utilização do *storytelling* pelo jornalismo não é algo recente ou exclusivo dos *podcasts*. A adaptação desta técnica depende do meio no qual o produto jornalístico será produzido. Como o propósito é aproximar a narrativa do público, a mídia sonora é ideal para este objetivo. O rádio, por ser uma linguagem sonora, precisa recorrer frequentemente a descrição minuciosa de lugares, pessoas e fatos para contextualizar o ouvinte. Sendo uma expansão do rádio, o *podcast* também herda esses recursos, ainda mais quando ele é jornalístico e narrativo (Viana, 2021).

A utilização dos elementos que produzem subjetividade no jornalismo não fere a capacidade dele de contar histórias que sejam genuínas. Concordamos aqui com o posicionamento de Fabiana Moraes (2019) de que a dita “objetividade” jornalística, herança do método científico e do iluminismo europeus e brancos, tem raça e gênero. A lógica da “não

contaminação”, da distância e do objetivo não dá conta da complexidade e multiplicidade de histórias que, por vezes, passam longe dos “valores-notícia”.

Além disso, a tentativa de apagamento e distanciamento do jornalista não deve ser vista como a única forma de trabalho íntegro. A investigação jornalística sempre trará traços de quem a realiza. É partindo deste princípio, que ela sugere um “jornalismo de subjetividade”:

Ao propor um jornalismo de subjetividade, incitamos uma subversão dos modos de objetivação jornalística, capaz de implodir principalmente o racismo/sexismo epistêmico na qual também se baseia. Nesta perspectiva, subjetivo e objetivo não se excluem, mas, antes de tudo, se complementam, apesar da maior legitimidade social conferida ao último (Moraes, 2019, p. 13).

Dentre os exemplos dados por Moraes (2019), está a sua reportagem “O nascimento de Joicy”, que culminou no livro de mesmo nome. Mas não é apenas na reportagem ou no impresso que a subjetividade aparece. No aspecto narrativo do *podcast* jornalístico, é possível observar a sua existência também.

Viana (2021) aponta que o jornalismo narrativo em *podcasts* traz ainda uma outra característica: o forte envolvimento do narrador. Entretanto, esta inserção da primeira pessoa não fere a apuração fidedigna dos fatos ou a torna ilegítima. Alguns dos exemplos citados pela autora são os fenômenos “O caso Evandro”, de Ivan Mizanzuk, e “Praia dos Ossos”, da Rádio Novelo.

Além disso, quatro características são determinantes para o jornalismo narrativo em *podcast*: (a) explicar qual seu envolvimento com o fato narrado, (b) compartilhar seus sentimentos e sensações com os ouvintes, (c) demonstrar as próprias limitações do jornalismo em encontrar a verdade dos fatos e (d) explicar os processos de apuração e as decisões tomadas na construção do produto (Viana, 2021). Ainda segundo a autora:

[...] o *podcast* narrativo tem, cada vez mais, se tornado uma produção marcada por um texto autoral que, obviamente, depende do narrador para emergir. O sujeito que constrói o relato rompe com padrões discursivos e tem sua subjetividade trazida à tona como um elemento enriquecedor da narrativa, e não como um desvio da seriedade e da responsabilidade jornalística de veicular informação (Viana, 2021, p. 13-14).

“Discoteca Frenética” faz uso das técnicas ligadas ao *storytelling* para enfatizar a subjetividade e se caracterizar enquanto jornalismo narrativo. A compreensão da música disco enquanto fenômeno social, cultural e comercial precisa destacar aqueles que, por anos, foram esquecidos e afastados do gênero musical que criaram.

2.1 O Jornalismo cultural no resgate de raízes

A amplitude do que pode ser considerado jornalismo cultural esbarra na complexidade e nas múltiplas tentativas de definir o que é cultura. Por vezes, a impressão que fica é que essa especialização jornalística se preocupa muito mais com entretenimento e arte do que com o que tradicionalmente é definido como cultura. Ao apresentar o conceito de cultura para a mídia, Golin (2009) defende que ela engloba aspectos materiais e não-materiais, mas que, acima de tudo, é uma “condição de produção e reprodução da sociedade”.

As origens do jornalismo cultural não são conhecidas com exatidão, mas Piza (2004) acredita que um dos pontos de partida seria a revista *The Spectator*, que falava sobre livros, música, ópera, teatro e política, despidos de formalidade e com um tom mais espirituoso. Fundada em 1711, a publicação nasceu na Inglaterra e é uma demonstração inicial do caráter menos engessado que se torna uma das características do jornalismo cultural. No Brasil, suas origens estão nas análises e acompanhamento de novos lançamentos literários, com vários autores como Machado de Assis e Lima Barreto passando pelos jornais primeiramente como críticos para depois se tornarem autores de ficção.

Os limites entre a opinião e a informação são um dos pontos que definem a dualidade do jornalismo cultural. Afinal, parte das produções dos cadernos e suplementos de cultura de jornais são críticas e resenhas e não o tradicional material noticioso. Uma outra questão pertinente apontada por Piza (2004) é a de que esta especialização normalmente não cumpre com o dever de estabelecer senso crítico e de ampliar os horizontes do leitor no lugar de apenas limitá-los.

Quando a música se torna assunto do jornalismo cultural não é diferente. A dificuldade surge na hora de entender a cultura de maneira ampla e sair do dito “*mainstream*” imposto pela indústria cultural. Sobre esta problemática e possíveis soluções para ela, Magalhães afirma:

[...] ao invés de valorizar a diversidade cultural, a tribalização a distorce e a empobrece. [...] uma maior sensibilidade para estilos diversos afasta preconceitos, preserva a independência de julgamentos e enriquece a percepção, enxergando nexos entre estilos e as artes (Magalhães, 2018).

Um exemplo disso é a compreensão do que é música *pop*. As distorções que marcam a definição do *pop* enquanto gênero passam primeiro por uma generalização, depois por uma inferiorização e, logo em seguida, por uma predileção editorial por este ser o estilo musical mais rentável e popular da atualidade. O ideal seria que sua definição acontecesse sem premissas de superioridade ou inferioridade (Piza, 2004).

capturar o fenômeno das discotecas. Entretanto, a matéria foi ficcionalizada por Cohn, que inventou detalhes inexistentes e mentiu ter feito a real apuração. No seu texto, ele descreveu os frequentadores das discotecas como jovens brancos da classe trabalhadora. O resultado foi que sua reportagem serviu de inspiração para o roteiro do filme mais famoso sobre a cultura disco que, assim como na matéria, é protagonizado por brancos (Lawrence, 2003).

A confissão da mentira veio anos depois. No aniversário de 40 anos da reportagem, ele relatou em entrevista à jornalista Nadia Khomami que “era uma ficção óbvia, apesar de ser baseada em algumas observações sobre a cultura disco” (Cohn, 2016).

Os exemplos supracitados mostram a necessidade de um jornalismo cultural compreensivo e sem medo da subjetividade e da proximidade com tudo que é humano. Especialmente, de uma formação jornalística que priorize a cultura tanto quanto outras editorias. Afinal, a relevância do jornalismo cultural não está apenas na divulgação e análise de produtos culturais, mas também na criação de conhecimento e consciência sobre o aspecto social por trás deles. Sobre a importância dessa editoria no jornalismo, Golin (2009) diz: “o contato sistemático com as manifestações artísticas, com a cultura em seu sentido paradoxal e inquietante, amplia a percepção de realidade do sujeito em contraste com discursos que tentam recortar o concreto por meio de uma visão unitária” (p. 11).

2.2 O método histórico no jornalismo

Para narrar a história da música disco em formato de *podcast* jornalístico, utilizamos o método histórico de pesquisa, pela sua conexão com a investigação que é necessária ao repórter para construção do seu produto. Ele se baseia no exame e procura de fontes primárias e secundárias para o entendimento e explicação do passado. Além disso, este método está intrinsecamente ligado com a compreensão do presente também:

Assim, o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram a sua forma através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que atualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações (Lakatos, 1981, p. 31)

A relação entre jornalismo e história é estreita e complexa, especialmente quando considerada a função dos jornalistas de escrever a dita “história imediata”. E embora a história descrita neste trabalho de conclusão de curso não seja recente, as conexões entre os campos de estudo continuam sendo as mesmas:

Ao mesmo tempo, o campo das práticas não é alheio a essa interação com a História, desde seu próprio âmbito. Ou seja, não são apenas os historiadores que recorrerem a jornais para elaborar suas narrativas (e jornalistas que utilizam o conhecimento histórico), mas os jornalistas têm, por vezes, papel importante e ao mesmo tempo polêmico na elaboração da chamada “história imediata”. Essa é uma problemática que mostra tanto semelhanças quanto diferenças entre a elaboração narrativa do campo profissional do jornalismo e a da História como disciplina científica (Romancini, 2005, p. 2).

Ou seja, os materiais produzidos pelos profissionais de ambas as áreas podem servir de fonte e base para os seus respectivos trabalhos. Mas não é apenas neste quesito que a história e o jornalismo se encontram. Marcílio (2013) ressalta que ainda que o jornalista trabalhe com o presente e o historiador com o passado, os dois se aproximam pela forma que contribuem para a construção de representações da realidade. Para ele, o bom jornalista, ao construir suas matérias e reportagens, deve sempre procurar trazer uma contextualização histórica na sua compreensão do presente.

Construção esta, que é descrita e apresentada, inclusive, pela teoria construcionista do jornalismo que:

Em primeiro lugar, argumenta que é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os media noticiosos que devem “refletir” essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade. Em segundo lugar, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos porque a linguagem neutral é impossível. Em terceiro lugar, é da opinião de que os media noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos [...] (Traquina, 2005, p. 168)

Na perspectiva de Sousa (2002 p. 5), os construcionistas defendem que “as notícias são histórias que resultam de um processo de construção, linguística, organizacional, social, cultural, [...] que fazem parte da realidade e ajudam-na a construir e reconstruir”.

E sendo o presente diretamente influenciado pelo passado, a prática jornalística também abarca investigações e reconstituições de fatos que já aconteceram. O jornalismo literário, por exemplo, é especialista nisso. No Brasil, Daniela Arbex ganhou notoriedade ao escrever sobre dois assuntos passados. Suas duas principais obras (ambos livros-reportagem), “Holocausto Brasileiro” e “Todo dia a mesma noite” são trabalhos de investigação de eventos acontecidos anos antes da escrita da autora. O primeiro conta os horrores vivenciados por pacientes do Hospital Colônia de Barbacena no século XX e o segundo narra os sofrimentos dos envolvidos no incêndio da Boate Kiss. Na mídia sonora, a produção “Praia dos Ossos”, da Rádio Novelo, resgatou o assassinato de Ângela Diniz e sua relação e relevância para o presente. Os episódios relacionados ao “Caso Evandro”, do podcast “Projeto Humanos”, narrados pelo jornalista Ivan Mizanzuk, também são um exemplo de trabalho jornalístico que olha para acontecimentos de outrora.

Em resumo, é mais do que possível afirmar que um produto jornalístico consegue ter como tema a história de algo. A narração de eventos passados ajudam a não somente entender o agora, mas também trazer novas perspectivas e reflexões sobre eles. A prática jornalística e a historiográfica, embora distintas, se relacionam e, juntas, podem contribuir para uma melhor compreensão da sociedade e de nós mesmos.

3 RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

O *podcast* “Discoteca Frenética” surge da intenção de combinar a estrutura de uma contação de histórias com o suporte do jornalismo cultural, narrativo e subjetivo. Como demonstrado no capítulo anterior, a música disco passou por um processo de incompreensão e estereotipação na década do seu surgimento por parte dos jornalistas musicais dos grandes meios de comunicação. É com base nas lacunas dessa abordagem, que propomos um *podcast* que auxilie na preservação da memória e de detalhes sócio-históricos da *disco music*. A intenção não é julgar o seu valor ou analisá-la musicalmente, mas sim compreender sua trajetória e importância para a história da música popular.

Levando os aspectos supracitados em consideração, descreveremos neste capítulo o processo de pré-produção, produção e pós-produção do *podcast* jornalístico que é o resultado deste trabalho de conclusão de curso.

3.1 Pré-produção

“Discoteca Frenética” é fruto de mais de um ano de pesquisas sobre a história da música disco e do seu impacto na indústria fonográfica. O início dessa trajetória começa ainda na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, momento em que tema, objeto e título foram escolhidos. Utilizamos o método histórico de investigação, que necessita de fontes primárias e secundárias para a elaboração do conteúdo. Na primeira categoria estão as cartas, autobiografias, documentos e relatos orais. Na segunda, discussões, livros, artigos e dissertações sobre o tema. Além dessas fontes, o método histórico também depende de uma contextualização das dinâmicas sociais e políticas do evento ou acontecimento que é objeto de pesquisa.

Sendo assim, a primeira etapa da construção deste trabalho foi uma busca por fontes secundárias sobre a história da música disco. A partir de uma pesquisa bibliográfica para a construção do produto, foi possível recolher livros, matérias de jornais, revistas e outras obras destinadas a contar a origem e os dias de ouro da *disco music*. Este material foi encontrado em sites de busca como Google Acadêmico e também na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Além disso, contamos com o empréstimo de livros do acervo pessoal de entrevistados como o Professor Doutor Luiz Eduardo Oliveira. Tudo isso foi essencial para basear o roteiro dos episódios, que contaram com uma estrutura narrativa.

Logo, o conhecimento detalhado sobre o objeto exigia um aprofundamento em leituras sobre ele.

O tema foi escolhido pelo interesse no jornalismo cultural sobre música e pela importância da nossa profissão na preservação da memória coletiva sobre fenômenos, movimentos, pessoas e acontecimentos. Na união de ambos, foi possível estabelecer a certeza de que este trabalho de conclusão de curso seria sobre a história de algo musical. A delimitação para o gênero musical disco surgiu da influência familiar na vida da concluinte e autora deste relatório. A mídia sonora foi a opção escolhida pelo interesse e identificação criada ao longo da trajetória acadêmica, em especial pelo incentivo da Oficina de Radiojornalismo, ambiente que propiciou a produção para o radiojornal laboratório o Espaço Experimental e de um episódio para o então *podcast* da disciplina, o Remotamente.

Quanto ao nome do produto, em todas as ideias de título consideradas, a palavra “discoteca” sempre esteve lá. A escolha do adjetivo “frenética” é uma homenagem a um dos principais grupos da música disco brasileira, As Frenéticas, que por sua vez herdaram seu nome da boate onde as integrantes trabalhavam, a Frenetic Dancing Days. Esta casa noturna tinha o jornalista e produtor Nelson Motta como proprietário e o nome dela também serviu de inspiração para outro grande ícone da cultura disco brasileira, a novela *Dancin’ Days*. A intenção de juntar esses termos para o título do *podcast* veio do desejo de criar uma ponte entre algo estrangeiro (discoteca, que deriva do francês *discothèque*) e nacional (frenética), assim como os episódios deste TCC fazem.

Para a parte do marco teórico que se preocupa em tratar da fundamentação radiojornalística, a orientação da Professora Doutora Patrícia Monteiro foi essencial. Tivemos acesso a sugestões de leitura e também a disponibilização dos textos e obras citados ao longo deste relatório em pastas do Google Drive. Na nossa primeira reunião, realizada com a presença da orientadora e de outros orientandos no Bloco B do Centro de Comunicação, Turismo e Artes, conversamos sobre as regras específicas para a realização de um trabalho de conclusão de curso no Departamento de Jornalismo, estabelecemos um cronograma de entregas e já fomos encarregados de criar uma pré-pauta para cada episódio.

Após a criação das pautas (disponíveis nos Apêndices A, B, C e D), seleção dos convidados e temas de cada episódio, entrei em contato com os possíveis entrevistados através de dois meios, Whatsapp e e-mail, levando em consideração que a informação disponível sobre as fontes variava entre número de telefone ou endereço eletrônico. Nas mensagens enviadas, foi explicada a proposta do *podcast* e como seria a participação de cada uma delas.

3.2 Produção

A segunda etapa da criação do *podcast* “Discoteca Frenética” foi a escuta das fontes primárias. Utilizando a entrevista como técnica de pesquisa, conversamos com três grupos de pessoas: aquelas que estiveram, de alguma maneira, ligadas à cultura disco durante o seu auge na década de 1970, aquelas que mantêm esta cultura viva nos dias de hoje e pesquisadores e historiadores especialistas no tema ou no período histórico no qual a disco surgiu. Optamos pela criação dos roteiros após a realização das entrevistas, já que poderíamos ter informações essenciais e específicas advindas do diálogo com os convidados.

O primeiro episódio se chama “Faixa 1” e se dedica a contar o surgimento e sucesso da música disco, bem como o contexto sócio-histórico que permitiu a sua criação. O convidado deste episódio foi o Professor Doutor Luiz Eduardo Oliveira. Ele é docente titular do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe e autor do artigo “Música Para Dançar No Brasil Da Ditadura: Do Samba Ao Soul, Do Soul À Disco (1970-1979)” que também foi importante para a construção do nosso *podcast*. Um dos seus objetos de pesquisa e especialização é a cultura de países de anglófonos, o que resultou na publicação de livros e artigos, dentre os quais a cultura das discotecas é um dos temas. Além dele, Adailson Paiva participou dando voz a dois trechos de obras do escritor Albert Goldman. Ele também é discente do curso de Jornalismo da UFPB e colega de turma da autora deste trabalho.

Já o segundo episódio, intitulado “Abra suas asas”, discorre acerca da chegada da *disco music* no Brasil e como foi o sucesso do gênero durante o período da Ditadura Militar. O título é uma referência a música “Dancin’ Days”, d’As Frenéticas, que também serviu de abertura para a novela de mesmo nome exibida pela Rede Globo entre os anos de 1978 e 1979. Os convidados deste episódio são Aloisio Oliveira, advogado, fã de *disco music* e tio da autora; Marcelo Alves, DJ e amigo de Aloísio; DJ Brazinha, apresentador do programa “Máquina do Tempo” da Rádio Tabajara; e Lucas Pedretti, mestre em História Social da Cultura (2018) pela PUC-Rio e autor do livro “Dançando na mira da ditadura: bailes soul e violência contra a população negra nos anos 1970”, uma das referências para este trabalho.

O terceiro episódio narra o declínio e “morte” da música disco no mundo e, por este motivo, foi nomeado de “Fim de Festa”. Nele, retornamos com a participação do Professor Luiz Eduardo Oliveira. Para a narração de trechos de obras citadas, Adailson Paiva também voltou para dar voz à declaração do jornalista Nik Cohn. Álisson Luís, estudante do curso de Direito da UFPB e meu amigo de infância, narrou os trechos do autor Tim Lawrence.

O episódio de encerramento, Renascença, busca provar a hipótese que paira durante todo o *podcast*: a de que a música disco nunca morreu. Seu nome é uma referência ao álbum *Renaissance*, da cantora Beyoncé, um dos trabalhos citados como prova da permanência da disco na cultura popular. Adailson Paiva e o Professor Luiz Eduardo Oliveira retornaram como convidados neste episódio, que também contou com as participações de Luiz Eduardo França, bacharel em Rádio & TV pela UFPB e apresentador do *podcast* "Cadê o DJ?"; Ruth Avelino, jornalista e produtora do evento "Assustado!"; e Marcelo Fontes, o artista por trás do projeto "Igreja do Som".

A produção do podcast precisou ser conciliada com a minha rotina de trabalho em tempo integral e com o fato de várias fontes residirem em outros estados. Logo, as entrevistas foram realizadas no ano de 2023, através de três meios: Whatsapp, videochamada do Google Meet e presencialmente.

Aloisio Oliveira, Marcelo Alves, Adailson Paiva, Ruth Avelino e Marcelo Fontes foram os convidados com os quais o diálogo aconteceu via Whatsapp. Todos os citados receberam o convite para colaboração no dia 19 de setembro e, como aceitaram participar ainda neste dia, também receberam as perguntas nesta mesma data. Também foram enviadas dicas de gravação de áudios para auxiliar as fontes nesse processo. As respostas foram enviadas por meio de áudios do Whatsapp ao longo da semana subsequente, de acordo com a disponibilidade de cada pessoa. O trecho narrado por Álisson Luís também foi enviado pelo mesmo aplicativo de mensagens, no dia 24 de setembro de 2023.

Figura 2- Fotografia de Marcelo Alves com o seu vinil de "Embalos de Sábado à Noite" enviada pelo Whatsapp junto com os áudios da sua entrevista.



Fonte: Marcelo Alves (2023).

Pela plataforma de videochamadas Google Meet, foram entrevistados o Professor Luiz Eduardo Oliveira, no dia 1 de setembro; o historiador Lucas Pedretti, no dia 5 de setembro; e o *podcaster* Luiz Eduardo França, no dia 21 de setembro. Em todos os casos, as conversas ultrapassaram a marca de uma hora de videochamada. Com Luiz Eduardo Oliveira e Lucas Pedretti, o primeiro contato aconteceu através do e-mail. O convite foi enviado a eles no dia 23 de agosto. Oliveira retornou aceitando no dia 28 e Pedretti, no dia 29 do mesmo mês. Os endereços eletrônicos estavam disponíveis nas obras de autoria de ambos, utilizadas como fontes de pesquisa sobre a história da disco. Com Luiz Eduardo França o convite aconteceu de maneira mais informal, pelo Instagram, visto que somos conhecidos e possuímos esta proximidade.

Figura 3 - Captura de tela da videochamada com o Prof. Luiz Eduardo Oliveira



Fonte: Rayssa Oliveira (2023).

Apenas uma entrevista foi realizada presencialmente: a conversa/aula que tive com o DJ Brazinha. Ela aconteceu no dia 22 de setembro, no Museu do Rádio Paraibano, localizado na Rádio Tabajara, na Avenida Pedro II, s/n, bairro da Torre, na cidade de João Pessoa, estado da Paraíba. Para a captação dessa entrevista, foi utilizado o aplicativo de gravador nativo do aparelho móvel celular iPhone 13 de propriedade da autora. Com a duração de exatos 30 minutos, o diálogo foi uma experiência enriquecedora e afetuosa. Brazinha, que na ocasião ainda se recuperava de um acidente vascular cerebral e estava com dificuldades na fala, foi acessível desde o momento do convite, realizado no dia 19 de setembro pelo Whatsapp. Ele não poupou esforços nas suas respostas, mesmo com os impedimentos relacionados à sua

reabilitação. Além disso, não somente respondeu às perguntas da entrevista, como me guiou por uma *tour* pelos discos e equipamentos do Museu do Rádio Paraibano.

Figura 4 - Fotografia feita no dia da entrevista realizada com o DJ Brazinha.



Fonte: Adailson Paiva (2023).

Nem todas as tentativas de contato para entrevistas foram bem-sucedidas. A assessoria da artista Lady Zu, principal cantora solo da disco no Brasil, chegou a aceitar a solicitação de entrevista enviada por e-mail no dia 23 de agosto, mas não respondeu os pedidos de contato seguintes. O jornalista e pesquisador Rodrigo Faour, autor do livro “História da música popular brasileira sem preconceitos”, não retornou o e-mail de convite enviado no dia 24 de agosto. O compositor Paulinho Camargo, autor da canção “A noite vai chegar”, interpretada por Lady Zu, aceitou participar de uma entrevista por videochamada que seria realizada no dia 10 de setembro, mas não pôde comparecer por conflitos de agenda e não retornou às tentativas de remarcação.

No que diz respeito à escolha dos convidados especialistas, optamos por historiadores e pesquisadores de cultura como Luiz Eduardo Oliveira e Lucas Pedretti devido ao objetivo do *podcast*. “Discoteca Frenética” não tinha a intenção de fazer uma análise ou crítica musical da disco. Este é um trabalho jornalístico focado na investigação histórica e nos aspectos sociais e culturais do gênero, conectado aos meus interesses pessoais, o que também motivou a escolha pela estrutura narrativa adotada, conforme já apontado neste TCC. Logo, os entrevistados foram autores de obras que citam a *disco music* nesta mesma perspectiva.

Quanto à presença do meu tio, Aloisio Oliveira, e do seu amigo Marcelo Alves, acredito que não há memória coletiva sem memória afetiva e pessoal. Parte do motivo pelo qual este trabalho de conclusão de curso existe são os momentos da minha infância regados a muita *disco music*, graças ao meu pai e ao meu tio. Meus amigos pessoais e colegas de curso que toparam participar também compartilham da minha paixão pela música *pop*, logo foi natural pensar neles como possíveis fontes. No que diz respeito às participações de Marcelo Fontes, Ruth Avelino e Brazinha, o números de telefone dos três foram gentilmente concedidos por conhecidos que eu sabia que tinham estes contatos: o jornalista André Cananéa fez a ponte com Brazinha e Ruth Avelino, e a minha colega de curso Heloísa Holanda já tinha entrevistado Marcelo Fontes previamente.

Além dos quatro capítulos supracitados, foi criada uma espécie de “episódio 0” (Apêndice I), chamado “Comece por aqui”, que funciona como uma introdução acerca da natureza do projeto. O seu conteúdo consiste em uma apresentação da narradora e do ambiente onde o podcast foi criado enquanto TCC. Esse tipo de “mini” episódio não costuma ter mais de dois minutos e é comum em produtos disponibilizados em plataformas de *streaming*.

Após as entrevistas, os roteiros dos quatro episódios (Apêndices E, F, G e H) foram estruturados entre os dias 29 de setembro e 1 de outubro e enviados para revisão da professora orientadora no dia 2 de outubro. Os retornos com sugestões para os episódios vieram entre os dias 3 e 10 de outubro. Logo em seguida, entre os dias 11 e 12 deste mesmo mês, as gravações das narrações foram iniciadas. Para a captação deste material, foi utilizado um *laptop* Samsung de propriedade da autora e um microfone Shure, modelo MV7, gentilmente emprestado por uma colega de turma, a discente Jaqueline Rodrigues. Para a gravação, foi utilizado o programa *Audacity*. Todo o processo de narração aconteceu em minha casa, durante o período da noite, após as 23h, quando os ruídos de movimentação da rua cessavam no bairro do Castelo Branco, onde resido.

3.3 Pós-produção

Devido às limitações impostas pela minha realidade dupla de estudante e trabalhadora em tempo integral, precisei contar com o apoio de terceiros para o processo de pós-produção do *podcast* “Discoteca Frenética”. Todo o auxílio foi devidamente monitorado, regulado e revisado por mim. Sendo assim, após a gravação da narração dos episódios, foi iniciado o

processo de conversão e decupagem das sonoras¹, seleção de efeitos e trilhas e edição dos episódios, que aconteceram entre os dias 12 e 16 de outubro.

Como as sonoras foram gravadas em formatos e meios diferentes, todas precisaram passar por um processo de conversão para o formato MP3. Para isso, utilizei um site chamado *Convertio*, que realiza a transformação de diversos tipos de arquivo. Depois, iniciei o processo de decupagem das sonoras no *Audacity*, cortando os trechos que seriam utilizados em cada momento citado nos roteiros. A narração foi gravada e exportada em MP3, logo não precisou de conversão. O processo de decupagem do material bruto aconteceu no mesmo programa utilizado para as sonoras. As trilhas e efeitos foram selecionados a partir do material gratuito e sem proteção de direitos autorais disponível na Biblioteca de Áudio do Youtube.

Subsequentemente, foi criada uma pasta no Google Drive para cada episódio contendo as sonoras devidamente cortadas, as trilhas nomeadas de acordo com sua aparição no roteiro e a narração já decupada. O processo de junção desses elementos para edição foi realizado com o apoio de Adailson Paiva, meu colega de turma também discente do curso de Jornalismo da UFPB. O equipamento utilizado por ele foi um computador de uso pessoal. Cada episódio editado era enviado para a sua pasta correspondente do Google Drive, onde eu acessava e solicitava alterações (caso elas existissem). Poucas vezes mudanças foram necessárias e a maioria delas se resumia ao ajuste do tempo de duração das trilhas. Em três dos quatro episódios, eu mesma fiz as alterações que resultaram no material final. Tanto eu, quanto Adailson Paiva, utilizamos o *Audacity* para edição dos episódios.

A identidade visual do projeto foi criada em parceria com a *designer* e artista visual Ana Carla Augusto, graduada em Design Gráfico pelo Instituto Federal da Paraíba e colega da autora. Para que fosse definida a atmosfera desse material, foi criada uma pasta no aplicativo Pinterest, com imagens de referência da estética predominante na cultura disco e nos anos 70.

A partir disso, foi montado um *moodboard*² que inspirou as capas do *podcast*. A ideia sempre foi que o globo espelhado tão famoso das discotecas fosse o elemento central do logotipo. Seguindo minha orientação, Ana Carla teve a ideia de unir o globo com a base de um microfone, fazendo uma referência a este elemento tão presente na criação de produtos sonoros. As cores vibrantes como amarelo, rosa e laranja foram escolhidas por mim após uma observação da predominância delas em materiais gráficos produzidos na década de 1970. A tipografia utilizada para o nome “Discoteca Frenética” foi a *Super Magic*, que remete a fontes

¹ Sonora é um termo utilizado para se referir a entrevistas ou captação da participação de convidados em um produto jornalístico.

² *Moodboard* é um quadro com imagens que serve de referência visual para a criação de um projeto.

groovy presentes em encartes de álbuns e anúncios setentistas. As capas de cada episódio resultaram, portanto, nas artes disponíveis nas figuras a seguir:

Figura 5 - Capa do podcast e do “episódio 0”, intitulado “Comece por aqui” (duração: 01’12”)



Fonte: Ana Carla Augusto e Rayssa Oliveira (2023).

Figura 6 - Capa do episódio “Faixa 1” (duração: 17’60”)



Fonte: Ana Carla Augusto e Rayssa Oliveira (2023).

Figura 7 - Capa do episódio “Abra suas asas” (duração: 27’29”)



Fonte: Ana Carla Augusto e Rayssa Oliveira (2023).

Figura 8- Capa do episódio “Fim de festa” (duração: 15’14”)



Fonte: Ana Carla Augusto e Rayssa Oliveira (2023).

Figura 9- Capa do episódio “Renascença” (duração: 21’14”)



Fonte: Ana Carla Augusto e Rayssa Oliveira (2023).

Após a edição dos episódios e criação da identidade visual, foi realizada a vinculação do *podcast* nas plataformas de exibição. Escolhemos o Spotify for Podcasters (antigo Anchor) por eu já ter utilizado a ferramenta em projetos de *podcasts* anteriores, como o Moderna Parahyba. O Youtube veio da importância de este material estar disponível para o maior número de pessoas possível, inclusive aquelas que não podem pagar a assinatura de um serviço de *streaming*. Afinal, este é um produto jornalístico feito dentro da universidade pública e gratuita. Logo, acredito que é meu dever tentar retornar para a nossa comunidade também gratuitamente e por meio de uma plataforma que tem elevado volume de usuários na América Latina, sendo 44,1 milhões de assinantes atualmente, segundo matéria publicada na Bloomberg Línea (2023).

No capítulo a seguir apresento as considerações finais deste trabalho de conclusão de curso, destacando as contribuições e limitações da pesquisa do produto realizado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relatório teve como objetivo descrever o processo de criação do *podcast* “Discoteca Frenética”. Nele, foram demonstrados o surgimento e a justificativa para o tema e objeto de estudo, a pesquisa realizada, a coleta de dados através de entrevistas, a criação dos roteiros e arte dos episódios, edição e vinculação do produto jornalístico concebido neste trabalho de conclusão de curso.

A produção de “Discoteca Frenética” proporcionou uma vivência abrangente e intensa de todas as etapas do processo jornalístico, desde a pré-produção, passando pela produção até chegar à pós-produção, permitindo a prática e o aprimoramento de uma série de competências e habilidades essenciais para um jornalista nos dias de hoje. A atuação em todas essas etapas, do início ao fim do projeto, não só atesta a necessidade de polivalência e de versatilidade do profissional jornalista em formação, mas também evidencia o incentivo à capacidade de adaptar-se às diversas demandas e desafios impostos pela profissão no cenário atual.

O princípio motor deste TCC foi contar a história da *disco music*, um gênero musical criado e amado por pessoas marginalizadas pela sociedade: pretos, latinos, mulheres e a comunidade LGBTQIA+. E que, pelo preconceito existente contra esses grupos, foi incompreendido e visto como um resultado frívolo do consumo estimulado pela indústria cultural. É claro que, como parte da música popular, a disco foi feita para ser vendável. Mas tal atributo não retira o seu mérito de ter sido a trilha sonora da liberdade daqueles que a criaram.

“Discoteca Frenética” é uma tentativa de lembrar as raízes históricas da música disco através de um jornalismo humanizado, narrativo, subjetivo e cultural. Ser jornalista é ter a consciência de que a sua profissão carrega funções sociais múltiplas e que reduzi-las apenas ao papel de informar é não compreender a magnitude do que pode ser a prática jornalística. Assim, este trabalho buscou demonstrar que o jornalismo pode ser (e já é) uma ferramenta poderosa de conscientização e resgate da memória.

O jornalismo cultural desempenha um papel crucial na preservação e promoção de diferentes formas de arte e expressões culturais, incluindo a música. No caso específico da disco, ele serviu um poderoso instrumento para resgatar e valorizar sua história. Por meio das entrevistas com DJs e fãs, além da contextualização histórica, o jornalismo cultural tem a capacidade de trazer à tona a atmosfera efervescente, as inovações técnicas e os impactos sociais e culturais que a música disco propiciou em sua época. Além disso, ao abordar as influências e o legado que o gênero deixou para as gerações posteriores, ele contribui para que

essa expressão artística seja reconhecida e valorizada não apenas como um fenômeno passageiro, mas como uma parte integrante e significativa da história da música e da cultura popular global.

O *podcast* procurou contribuir para a discussão sobre preservação da história, apropriação cultural e a importância de lembrar quem são os verdadeiros criadores de algo. Neste caso, da música disco. Ele também teve a intenção de demonstrar como movimentos musicais e culturais estão diretamente ligados ao contexto histórico e às experiências vividas pelas populações que os abraçam. Ele não só revitaliza e celebra a disco, mas também pode servir como modelo e como ajuda para futuras investigações sobre outros estilos musicais no curso de Jornalismo ou até mesmo na UFPB.

As limitações do desenvolvimento deste TCC estão relacionadas a árdua tarefa que é trabalhar para se sustentar enquanto se tenta concluir o ensino superior. A universidade é pública e gratuita, mas ela ainda está limitada a grandes centros urbanos, o que faz com que pessoas do interior (como eu), precisem encontrar meios para sobrevivência na cidade grande. Conciliar os estudos com a atividade profissional tornou-se um equilíbrio ainda mais difícil de ser alcançado durante um momento tão específico como o da conclusão de um curso. Além disso, as limitações comuns a toda pesquisa que olha para o passado também estiveram presentes na produção deste *podcast*, especialmente no que diz respeito à dificuldade em encontrar fontes próximas e ainda existentes.

Devido ao recorte de tempo e às características de um relatório de produção, o volume da pesquisa levantada sobre a história da música disco precisou ser condensado. Também houve a preocupação de que os episódios não passassem do limite de 30 minutos. Logo, uma parte considerável dos dados coletados ficou à margem. Devido a estes motivos, tenho o desejo de expandir “Discoteca Frenética” em trabalhos futuros, dobrando o número de episódios e trazendo mais convidados. Ademais, também gostaria de utilizar a metodologia e o formato de investigação para criar outros projetos sonoros de jornalismo cultural sobre música.

O desenvolvimento de “Discoteca Frenética” me fez perceber como a música disco nunca morreu. Ela foi (des)apropriada, massificada, atacada, mas passou o seu DNA para gêneros musicais seguintes. É possível afirmar e concluir que não existe música pop sem música disco. Compreendeu-se também que os retornos da disco ao longo das décadas posteriores ao seu nascimento mostram que novas gerações continuam a se inspirar e olhar para a antepassada moral de tudo que toca nas pistas de dança até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020.

COHN, Nik. Disco’s Saturday Night Fiction. [Entrevista concedida a] Nadia Khomami. **The Guardian**, Londres, 26 jun. 2016.

DEL BIANCO, Nelia R. O futuro do rádio no cenário da convergência frente às incertezas quanto aos modelos de transmissão digital. In: FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (org.). **E o rádio?: novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. p. 557-576.

FAOUR, Rodrigo. **História da música popular brasileira, sem preconceitos: dos primórdios, em 1500, aos explosivos anos 1970**, vol 1. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERRAZ, Nivaldo; GAMBARO, Daniel. Podcast e radiojornalismo: uma aproximação entre a mídia formal e as novas experiências de produção e escuta. **Novos Olhares**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 155-172, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/166393>. Acesso em: 2 ago. 2023.

FLEISCHMANN, Isabela. Spotify ganha mais assinantes do que o esperado com a ajuda da América Latina. **Bloomberg Línea**, [S. l.], 25 abr. 2023. Disponível em: <https://www.bloomberglinea.com.br/2023/04/25/spotify-ganha-mais-assinantes-do-que-o-esperado-com-a-ajuda-da-america-latina/#:~:text=Os%20assinantes%20premium%20na%20Am%C3%A9rica%20Latina%2C%20incluindo%20o%20Brasil%2C%20representaram,2023%20para%20a%20Am%C3%A9rica%20Latina>. Acesso em: 15 out. 2023.

GOLDMAN, Albert. **Disco**. Portland: Hawthorne Books, 1978.

GOLDMAN, Albert. The disco style: love thyself. **Esquire**, Nova York, 1978.

GOLIN, Cida. Jornalismo cultural: reflexão e prática. In: **Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências**. São Paulo: Miró Editorial, p. 23-38, 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia Geral**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1990.

LAWRENCE, Tim. **Love saves the day: a history of American dance music culture (1970-1979)**. Durham: Duke University Press, 2003.

MAGALHÃES, Marina. **Polarizações do jornalismo cultural**. Marca de Fantasia, 2018.

MARCILIO, Daniel. O Historiador e o Jornalista: A História imediata entre o ofício historiográfico e a atividade jornalística. **Revista Aedos**, [S. l.], v. 5, n. 12, 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/36941>. Acesso em: 1 set. 2023.

MORAES, F. **Subjetividade**: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. Revista Extraprensa, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019. DOI: 10.11606/extraprensa2019.153247. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247>. Acesso em: 2 ago. 2023.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. Editora Contexto, 2004.

ROMANCINI, Richard. História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa *In*: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005. p. 1-20.

SOUSA, Jorge Pedro. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2023.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VIANA, Luana. O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos. **Comunicação Pública**, [S. l.], v. 16, n. 31, 2021. DOI: 10.34629/cpublica.72. Disponível em: <https://journals.ipl.pt/cpublica/article/view/72>. Acesso em: 2 ago. 2023.

APÊNDICE A - PAUTA DO EPISÓDIO 1

PRIMEIRO EPISÓDIO: FAIXA 1

RETRANCA: ORIGENS E ASCENSÃO DA MÚSICA DISCO

FONTES: Luiz Eduardo Oliveira.

NARRADORA:	Rayssa Oliveira	PRODUTORES:	Rayssa Oliveira
-------------------	-----------------	--------------------	-----------------

PROPOSTA: Narrar as origens e ascensão da *disco music* como gênero musical e movimento cultural. O episódio de abertura se baseará nas pesquisas realizadas sobre o tema, bem como em entrevistas realizadas com historiadores especialistas no assunto.

ENCAMINHAMENTO PARA ENTREVISTAS: Conversar com especialistas e historiadores da música sobre como a música disco é criada e por que ela se torna o fenômeno que foi na década de 1970.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

Luiz Eduardo Oliveira é professor titular do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe e autor do artigo “Música Para Dançar No Brasil Da Ditadura: Do Samba Ao Soul, Do Soul À Disco (1970-1979)” que também foi importante para a construção do nosso podcast.

Além das entrevistas com as fontes, o episódio seguirá o formato mais narrativo, se baseando em informações coletadas em livros como:

BREWSTER, Bill, BROUGHTON, Frank. **Last night a DJ saved my life:** the history of the Disc Jockey. New York: Grove Press, 1999.

ECHOLS, Alice. **Hot Stuff:** Disco and the Remaking of American Culture. New York: W. W. Norton & Company, 2011.

JONES, Alan; KANTONEN, Jussi. **Saturday night forever:** the story of disco. New York: Random House, 2011.

SUGESTÕES PARA PERGUNTAS:

- De que maneira a música disco representou as comunidades que a criaram? Que comunidades eram essas e em que contexto social e político viviam?
- Como a recepção inicial do gênero explica o clima cultural da época? Qual foi a reação entre pessoas comuns e músicos de outras correntes?
- O processo da música disco fazer parte do mainstream pode ser considerado uma forma de apropriação cultural?

APÊNDICE B - PAUTA DO EPISÓDIO 2

SEGUNDO EPISÓDIO:

Abra suas asas

RETRANCA: DESENVOLVIMENTO DA MÚSICA DISCO NO BRASIL

FONTES: DJ Brazinha, Aloísio Oliveira, Marcelo Alves e Lucas Pedretti.

NARRADORA:	Rayssa Oliveira	PRODUTORES:	Rayssa Oliveira
-------------------	-----------------	--------------------	-----------------

PROPOSTA: Narrar a chegada e desenvolvimento da música disco no Brasil. O segundo episódio se baseará nas pesquisas realizadas sobre o tema, bem como em entrevistas realizadas com participantes da cultura disco e historiadores especialistas no assunto.

ENCAMINHAMENTO PARA ENTREVISTAS: Conversar com especialistas e historiadores da música sobre como a música disco chega no Brasil e de que maneira ela se desenvolve em território nacional, levando em consideração o contexto da Ditadura Militar.

Na entrevista com DJ Brazinha, perguntar o que ele sabe sobre a cultura das discotecas na Paraíba e como foi a recepção do gênero pelas rádios locais.

Para as conversas com Aloísio Oliveira e Marcelo Alves, entender como ele se interessou pela disco music e como foi sua experiência sendo um jovem nos anos 70 e se tornando fã do gênero.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

Dj Brazinha é conhecido pelos ouvintes da Rádio Tabajara por estar à frente do programa “Na Máquina do Tempo” e por animar as pistas de dança de João Pessoa. Ele também é organizador do “Baile Máquina do Tempo”, evento focado em tocar músicas das décadas de 60, 70 e 80.

Lucas Pedretti é mestre em História Social da Cultura (2018) e graduado em História (2015) pela PUC-Rio. Ele é autor do livro “Dançando na mira da ditadura: bailes soul e violência contra a população negra nos anos 1970”, uma das referências para este trabalho.

Aloísio Oliveira é advogado e tio da produtora, Rayssa Oliveira. Um dos responsáveis por criar uma fã ao mostrar a ela clipes dos Bee Gees e trechos do John Travolta dançando em “Embalos de Sábado à Noite”. Ele também é um notório frequentador de discotecas e amante de *disco music*.

Marcelo Alves é um amigo de Aloisio Oliveira, consultor de empresas, DJ e amante de música disco.

Além das entrevistas com as fontes, o episódio seguirá o formato mais narrativo, se baseando em informações coletadas em obras como:

LEE, Rita. **Uma autobiografia**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016.

MOTTA, Nelson. **Noites tropicais**: solos, improvisos e memórias musicais. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2023.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo; SANTOS, Lázaro da Cruz. MÚSICA PARA DANÇAR NO BRASIL DA DITADURA: DO SAMBA AO SOUL, DO SOUL À DISCO (1970-1979). **Revista de Estudos de Cultura**, n. 10, p. 107-118.

PEDRETTI, Lucas. **Dançando na mira da ditadura**: Bailes soul e violência contra a população negra nos anos 1970. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2022.

SUGESTÕES PARA PERGUNTAS:

ALOISIO OLIVEIRA/MARCELO ALVES

- Qual foi o seu primeiro contato com a disco music?
- Você chegou a assistir Embalos de Sábado à Noite no cinema? Ou teve contato com o filme na sua juventude? Se sim, quais as suas impressões?

DJ BRAZINHA

- Você lembra de alguma discoteca aqui em João Pessoa nos anos 70 e 80? Se sim, chegou a frequentar alguma?
- Como foi o seu contato com a disco music? E quais faixas do gênero você recorda de ouvir no rádio?
- Nos eventos que você organiza, você seleciona canções disco? Se sim, qual a reação do público ao ouvi-las?

LUCAS PEDRETTI

- A disco music passou por um processo de apropriação do mainstream, mas ela surgiu em bairros marginalizados entre grupos periféricos dos EUA. No Brasil, quem foram os primeiros a fazer música disco?
- De que maneira a disco music e outras expressões da música eletrônica foram utilizadas como resistência durante a ditadura militar?
- Como foi a recepção do governo militar ao ver esse gênero fazendo tanto sucesso?

APÊNDICE C - PAUTA DO EPISÓDIO 3

TERCEIRO EPISÓDIO:

Fim de festa

RETRANCA: FIM DA ERA DISCO NO MUNDO

FONTES: Luiz Eduardo Oliveira.

NARRADORA:	Rayssa Oliveira	PRODUTORES:	Rayssa Oliveira
-------------------	-----------------	--------------------	-----------------

PROPOSTA: Narrar o declínio da era disco no Brasil e no mundo. O terceiro episódio se baseará nas pesquisas realizadas sobre o tema, bem como em entrevistas realizadas com historiadores especialistas no assunto.

ENCAMINHAMENTO PARA ENTREVISTAS: Conversar com especialistas e historiadores da música sobre como a música disco entra em declínio e como se desenrolam os eventos da “Disco Demolition Night”.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: Lucas Eduardo Oliveira é professor titular do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe e autor do artigo “Música Para Dançar No Brasil Da Ditadura: Do Samba Ao Soul, Do Soul À Disco (1970-1979)” que também foi importante para a construção do nosso podcast.

Além das entrevistas com as fontes, o episódio seguirá o formato mais narrativo, se baseando em informações coletadas em obras como:

BREWSTER, Bill, BROUGHTON, Frank. **Last night a DJ saved my life: the history of the Disc Jockey.** New York: Grove Press, 1999.

ECHOLS, Alice. **Hot Stuff: Disco and the Remaking of American Culture.** New York: W. W. Norton & Company, 2011.

JONES, Alan; KANTONEN, Jussi. **Saturday night forever: the story of disco.** New York: Random House, 2011.

PEDRETTI, Lucas. **Dançando na mira da ditadura:** Bailes soul e violência contra a população negra nos anos 1970. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2022.

MOTTA, Nelson. **Noites tropicais:** solos, improvisos e memórias musicais. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2023.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo; SANTOS, Lázaro da Cruz. **MÚSICA PARA DANÇAR NO BRASIL DA DITADURA: DO SAMBA AO SOUL, DO SOUL À DISCO (1970-1979).** *Revista de Estudos de Cultura*, n. 10, p. 107-118.

PEDRETTI, Lucas. **Dançando na mira da ditadura:** Bailes soul e violência contra a população negra nos anos 1970. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2022.

SUGESTÕES PARA PERGUNTAS:

- De que maneira podemos dizer que os eventos da Disco Demolition Night são preconceituosos?
- Você acha que existia no Brasil um preconceito por parte de fãs de rock? E de jornalistas, radialistas e DJs?
- Os eventos da Disco Demolition Night foram relevantes para o contexto nacional?
- Por que a música disco teve um declínio no mundo?
- De que maneira o contexto da redemocratização influenciou na ascensão do rock nacional e no declínio da disco?

APÊNDICE D - PAUTA DO EPISÓDIO 4

ÚLTIMO EPISÓDIO: *Renascença*

RETRANCA: RESSURGIMENTOS DA DISCO NO SÉC. XXI
--

FONTES: Luiz de França, Marcelo Fontes, Adailson Paiva e Ruth Avelino.

NARRADORA:	Rayssa Oliveira	PRODUTORES:	Rayssa Oliveira
-------------------	-----------------	--------------------	-----------------

PROPOSTA: Narrar a forma como a música disco retornou para as paradas musicais do século XXI na forma de música pop. O último episódio se baseará nas pesquisas realizadas sobre o tema, bem como em entrevistas realizadas com fãs, DJs e produtores que mantêm viva a alma da disco.

ENCAMINHAMENTO PARA ENTREVISTAS: Conversar com fãs, músicos e jornalistas sobre como eles enxergam a incorporação de elementos disco nas músicas pop de hoje (ou eventos que resgatam essa cultura).

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: Luiz de França é bacharel em Rádio e Tv pela Universidade Federal da Paraíba e criador do podcast “Cadê o DJ?”, que discute a carreira da cantora Kylie Minogue, conhecida como a rainha do “nu-disco”.

Marcelo Fontes é músico e o artista por trás da “Igreja do Som”. Em 2022, ele realizou uma festa temática apenas com música disco, resgatando a energia do gênero.

Adailson Paiva é estudante de Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba. É colaborador do Moderna Parahyba e colega de turma da produtora.

Ruth Avelino é jornalista e produtora da festa “Assustado”, que tem como foco tocar músicas das décadas de 60, 70 e 80.

SUGESTÕES PARA PERGUNTAS:

- Como você enxerga o ressurgimento da música disco em faixas pop atualmente?
- Você acredita que isso significa que a música disco nunca morreu?
- De que maneira eventos como o que você organiza mantêm viva a memória de disco music?

APÊNDICE E - ROTEIRO DO EPISÓDIO 1

EPISÓDIO: FAIXA 1

LEGENDA:

OFF

[INSTRUÇÕES DE TRILHA]

[SONORA/TRECHOS DE ENTREVISTAS]

[TRILHA DE UMA MULTIDÃO CORRENDO E QUEBRANDO COISAS]

NO DIA DOZE DE JULHO DE MIL NOVECENTOS E SETENTA E NOVE, A MÚSICA DISCO MORREU. OU, PELO MENOS, É O QUE DIZEM OS HISTORIADORES.

VOCÊ PROVAVELMENTE JÁ PARTICIPOU DE AULAS DE HISTÓRIA ONDE O PROFESSOR TE CONTA QUE TENDÊNCIAS DE MODA E MÚSICA NÃO ACABAM DE UMA HORA PARA A OUTRA COM O VIRAR DE UMA DÉCADA.

MAS POR ALGUM MOTIVO, COM A MÚSICA DISCO, DISSERAM QUE FOI ASSIM. UM GÊNERO MUSICAL COM DIA, MÊS E ANO DE FALECIMENTO.

SÓ QUE PARA TODA MORTE, EXISTE UMA VIDA QUE A ANTECEDE. E COM A DISCO NÃO FOI DIFERENTE.

[EFEITO SONORO DE ÁUDIO SENDO REVERTIDO SEGUIDO DE UMA TRILHA DISCO/GROOVY]

A VIDA DA DISCO MUSIC (COMO VOCÊ TAMBÉM VAI ME OUVIR CHAMÁ-LA AO LONGO DOS EPISÓDIOS) FOI REPLETA DE CORES, ALTOS, BAIXOS, APROPRIAÇÕES E IMPORTAÇÕES QUE SE MISTURAVAM COM OS ACONTECIMENTOS DA DÉCADA EM QUE SURTIU.

E É PARA ESSA ÉPOCA QUE NÓS VAMOS AGORA. MAIS ESPECIFICAMENTE PARA OS ANOS SETENTA NOS ESTADOS UNIDOS.

A VIAGEM FOI PARA LÁ, MAS LOGO, LOGO, A GENTE CHEGA NO BRASIL. É QUE AQUI É O PONTO DE PARTIDA PARA A HISTÓRIA DA MÚSICA DISCO.

NESSE PERÍODO, A TERRA DO TIO SAM ESTAVA VIVENDO UMA DESILUSÃO RELACIONADA ÀS PROMESSAS DE AVANÇO E PROSPERIDADE QUE OS ANOS SESSENTA TROUXERAM.

[TRILHA COM BARULHO DE BOMBARDEIOS]

A GUERRA DO VIETNÃ AINDA NÃO TINHA ACABADO.

[TRILHA COM O COMEÇO DO DISCURSO DE RENÚNCIA DO NIXON (00:03-00:07)]

O PRESIDENTE RICHARD NIXON ESTAVA ENVOLVIDO EM UM ESCÂNDALO DE CORRUPÇÃO ENORME.

E, COMO SEMPRE, A ARTE REFLETIU A SENSÇÃO GERAL DE DESÂNIMO DE UMA NAÇÃO.

BASTA ASSISTIR UM DOS FILMES QUE HOLLYWOOD PRODUZIU NESSA DÉCADA QUE VOCÊ CONSEGUE ENTENDER:

AS CIDADES SÃO RETRATADAS COMO AMBIENTES SOTURNOS, ESCUROS, SUJOS, ABANDONADOS E TOMADOS PELA CRIMINALIDADE.

TÁXI DRIVER - MOTORISTA DE TÁXI, DO DIRETOR MARTIN SCORSESE, É UM ÓTIMO REPRESENTANTE DESSA TENDÊNCIA.

MAS NO MEIO DE TANTA ESCURIDÃO, NA VIDA NOTURNA QUE A POPULAÇÃO BRANCA E DE CLASSE MÉDIA DOS ESTADOS UNIDOS PREFERIA (OU FINGIA) IGNORAR, SURGIA UM CONTRAPONTO MUSICAL COLORIDO, BARULHENTO E CHEIO DE GLITTER:

A MÚSICA DISCO.

[TRILHA COM ELEMENTOS DISCO, R&B OU COM BAIXOS E SINTETIZADORES]

ENQUANTO PREPARAVA A PESQUISA PARA ESSE EPISÓDIO, EU ME PERGUNTAVA COMO ALGO TÃO FESTIVO E ANIMADO PODE TER SURGIDO NO MEIO DE TANTO BAIXO ASTRAL.

UMA DAS RESPOSTAS PARA ISSO ESTÁ NA DÉCADA ANTERIOR.

OS ANOS SESSENTA FORAM UM PERÍODO DE INÍCIO OU DE CONSOLIDAÇÃO DA LUTA POR DIREITOS DE VÁRIAS MINORIAS SOCIAIS.

[TRILHA COM INÍCIO DO DISCURSO “I HAVE A DREAM” DE MARTIN LUTHER KING (00:15-00:21)]

SÃO NOS ANOS SESSENTA QUE SE DESENVOLVEM AS LUTAS PELOS DIREITOS CIVIS DA POPULAÇÃO PRETA ESTADUNIDENSE, COM LÍDERES COMO MARTIN LUTHER KING E MALCOLM X NAS LINHAS DE FRENTE PELO FIM DA SEGREGAÇÃO RACIAL.

FOI TAMBÉM NA DÉCADA DE SESSENTA QUE COMEÇARAM AS PRIMEIRAS MOVIMENTAÇÕES DA SEGUNDA ONDA FEMINISTA, QUE REINVIDICAVA DIREITOS REPRODUTIVOS E DE IGUALDADE DE GÊNERO.

E FOI NESSA MESMA DÉCADA QUE A REVOLTA DE STONEWALL MARCOU O INÍCIO DE UMA VERDADEIRA REVOLUÇÃO A FAVOR DO RESPEITO E DA VISIBILIDADE DA COMUNIDADE LGBTQIA+.

ESSES TRÊS GRUPOS ESTAVAM INICIANDO OS ANOS SETENTA COM MAIS DIREITOS CONQUISTADOS DO QUE NA DÉCADA ANTERIOR.

CLARO, ISSO NÃO SIGNIFICA QUE ESSAS PESSOAS DESFRUTAVAM DA PLENA CONQUISTA DESSES DIREITOS. MAS, PELA PRIMEIRA VEZ, A SITUAÇÃO PARECIA MELHORAR.

SOBRE A RELAÇÃO DE TUDO ISSO COM O SURGIMENTO DA DISCO, EU CONVERSEI COM O PROFESSOR DOUTOR LUIZ EDUARDO OLIVEIRA, QUE LECIONA NO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE E QUE PESQUISA SOBRE CULTURA DE PAÍSES DE LÍNGUA INGLESA.

[SONORA 1 - PROF. LUIZ EDUARDO OLIVEIRA (3:14-5:07)]

A GENTE CONVERSOU BASTANTE SOBRE MÚSICA, LITERATURA E SOBRE COMO É PESQUISAR MÚSICA POP NO AMBIENTE ACADÊMICO.

MAS A GENTE QUERIA FALAR MESMO ERA SOBRE DISCO. E ENTÃO NÓS FALAMOS SOBRE DISCO:

[SONORA 2 - PROF. LUIZ EDUARDO OLIVEIRA (13:30-14:30 + 27:08-27:56)]

MANU DIBANGO. ESSE É O AUTOR DO QUE ALGUNS CONSIDERAM SER A PRIMEIRA MÚSICA DEFINITIVAMENTE DISCO A SER COMPOSTA, EM 1973, CHAMADA, NA VERDADE, DE “SOUL MAKOSSA”.

JÁ OUTROS, ACREDITAM QUE A PRIMEIRA FAIXA DO GÊNERO SURTIU EM MIL NOVECENTOS E SETENTA E UM, ESCRITA POR ISAAC HAYES PARA SER O TEMA DO FILME “SHAFT”.

DE QUALQUER MANEIRA, É IMPORTANTE RESSALTAR QUE ESSA PRIMEIRA FASE DA MÚSICA DISCO ACONTECE BEM LONGE DAS GRANDES GRAVADORAS.

[EFEITO SONORO DE MIXAGEM DE VINIL]

ELA É ABRAÇADA E SE FAZ PRESENTE NAS DISCOTECAS E CASAS NOTURNAS FREQUENTADAS ESPECIALMENTE POR PESSOAS LGBT, NEGRAS E LATINAS EM BAIROS PERIFÉRICOS DAS GRANDES CIDADES. ESPECIALMENTE, NOVA YORK.

A PERCEPÇÃO DA DISCO PELOS PRIMEIROS CRÍTICOS E JORNALISTAS QUE ESCREVERAM SOBRE ELA É MUITO ATRAVESSADA PELO PRECONCEITO

CONTRA OS GRUPOS QUE A ABRAÇARAM DE PRIMEIRA, QUANDO NENHUMA GRAVADORA SE INTERESSAVA MUITO PELO GÊNERO.

QUANDO A DISCO MUSIC ERA SINÔNIMO DO IMPROVISO E DA EXPERIMENTAÇÃO DOS DJS. AQUI, NOVAMENTE, O PROFESSOR LUIZ EDUARDO CONTANDO SOBRE O QUE SIMBOLIZAVA ESSE PRIMEIRO MOMENTO DA DISCO:

[SONORA 3 - PROF. LUIZ EDUARDO OLIVEIRA (25:26-27:05 + 27:57-28:10)]

É CLARO QUE, COM O TEMPO, AS GRAVADORAS COMEÇARAM A PERCEBER O SUCESSO QUE AS CANÇÕES DISCO ESTAVAM FAZENDO NAS PISTAS DE DANÇA.

ALGUNS DJS PASSARAM A SER CONVIDADOS POR ELAS PARA MIXAREM ALGUMAS FAIXAS, MESMO A CONTRAGOSTO DOS MÚSICOS E CANTORES. ELES QUE ESTRANHAVAM OS CORTES E LOOPS DOS RESULTADOS.

POR ESSA ÉPOCA, A SONORIDADE DA MÚSICA DISCO JÁ ESTAVA CONSOLIDADA, SOBRETUDO ATRAVÉS DO QUE SE CHAMAVA “O SOM DA FILADÉLFIA”, QUE TINHA OS SEGUINTE ELEMENTOS:

A MARCAÇÃO DA BATIDA PELO BAIXO

[TRILHA DE UM BAIXO]

PELO CHIMBAL DA BATERIA

[TRILHA DE UM CHIMBAL]

UM VOCAL FEMININO OU MASCULINO EM FALSETE. E UM GRANDE ARRANJO DE CORDAS E SOPROS.

[TRILHA DE SAXOFONE]

A PARTIR DE MIL NOVECENTOS E SETENTA E QUATRO, AQUELA MISTURA DO FUNK, SOUL, SALSA E OUTROS GÊNEROS LATINOS JÁ ESTAVA CONSOLIDADA.

A MÚSICA DISCO SE TRANSFORMAVA EM UM MOVIMENTO CULTURAL DIFUNDIDO NA VIDA NOTURNA DOS ESTADOS UNIDOS.

[TRILHA COM BARULHO DE FESTA]

O SUCESSO DAS DISCOTECAS EM NOVA YORK TORNOU A CENA UM VERDADEIRO FENÔMENOS. A DISCO MUSIC PASSA A SER PRODUZIDA TAMBÉM POR EUROPEUS (DANDO ORIGEM AO CHAMADO EURODISCO) E AS “DIVAS” COMEÇAM A SE TORNAR A PERSONIFICAÇÃO DO GLAMOUR E DO ESTILO DESTE PERÍODO.

ELAS ERAM AS PRECURSORAS DO QUE HOJE A GENTE CONHECE POR “DIVA POP”, SABE? EM SUA MAIORIA, ERAM MULHERES NEGRAS QUE DITAVAM O ESTILO DA CULTURA DISCO.

MAS NÃO SOMENTE ISSO: ERAM MULHERES QUE CANTAVAM SOBRE DIVERSÃO E ATÉ MESMO PRAZER FEMININO. DONNA SUMMER E SEU HIT “LOVE TO LOVE YOU BABY” É SÓ UM EXEMPLO DISSO.

O OUTRO GRANDE ÍCONE RESPONSÁVEL POR CRIAR UM VERDADEIRO HINO DE LIBERDADE E FELICIDADE, DESSA VEZ PARA A COMUNIDADE LGBTQIA+, É GLORIA GAYNOR COM “I WILL SURVIVE”.

EM MIL NOVECENTOS E SETENTA E SEIS, A DISCO JÁ ERA O PADRÃO DA MÚSICA POP. E COM O SUCESSO COMERCIAL VEIO TAMBÉM O SEU EMBRANQUECIMENTO.

[EFEITO SONORO DE CLIQUE EM UM GRAVADOR]

EU QUERIA DEIXAR CLARO PARA TODO MUNDO QUE ESTÁ ME OUVINDO, QUE ESSE PROCESSO DE SAÍDA DA MÚSICA DISCO DAS SUAS ORIGENS NEGRAS E LATINAS NÃO SIGNIFICA UMA QUEDA DE QUALIDADE.

NINGUÉM ESTÁ TENTANDO TE CONVENCER QUE MÚSICA DISCO FEITA POR BRANCOS É AUTOMATICAMENTE RUIM.

AFINAL, É PRATICAMENTE IMPOSSÍVEL SE MANTER PARADO AO OUVIR SUCESSOS COMO “DANCING QUEEN”, DO ABBA, OU “STAYIN’ ALIVE” DOS BEE GEES.

MAS O AFASTAMENTO DE ALGO DAS COMUNIDADES QUE O CRIARAM E ABRAÇARAM TEM CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS. EMBORA ISSO SEJA ASSUNTO PARA OS PRÓXIMOS EPISÓDIOS...

ENTÃO, VOLTANDO A MIL NOVECENTOS E SETENTA E SEIS.

[TRILHA DE ÁUDIO SENDO REVERTIDO]

NESSE ANO, ATÉ FÓRUM INTERNACIONAL DE MÚSICA DISCO É REALIZADO! MAS ISSO NÃO QUER DIZER QUE A RECEPÇÃO DA DISCO PELOS CRÍTICOS E JORNALISTAS ERA DAS MELHORES.

NA ÉPOCA, O ROCK AINDA ERA O GÊNERO MUSICAL MAIS PRESTIGIADO.

E COMO VOCÊ ACHA QUE A DISCO FOI RECEBIDA, CONSIDERANDO QUE ELA ERA FEITA POR LATINOS E NEGROS, COM UM PÚBLICO MAJORITARIAMENTE FEMININO E LGBT?

SE O SEU PALPITE FOI “MAL”, ACERTOU.

UM EXEMPLO DISSO É UM ARTIGO SOBRE A CULTURA DAS DISCOTECAS DO JORNALISTA ALBERT GOLDMAN PARA A REVISTA AMERICANA ESQUIRE, PUBLICADO EM MIL NOVECENTOS E SETENTA E OITO.

O TÍTULO ERA “THE DISCO STYLE: LOVE THYSELF” TRADUZIDO PARA O PORTUGUÊS FICA ALGO COMO “O ESTILO DISCO: AME A SI MESMO”.

NELE, O GOLDMAN VAI FAZER A TRADICIONAL ASSOCIAÇÃO DA DISCO A FRIVOLIDADE, HEDONISMO E IMORALIDADE. EM UM TRECHO DA REPORTAGEM, ELE DIZ O SEGUINTE:

[SONORA 4 - ADAILSON PAIVA: LEITURA DO ARTIGO ESQUIRE COM UM EFEITO DE VOZ DE GRAVADOR E AO FUNDO, SONS QUE REMETEM A UMA FESTA]

E NÃO FOI SOMENTE A DISCO que RECEBEU UMA DESCRIÇÃO ESTEREOTIPADA DESSE AUTOR, MAS TAMBÉM OS HOMENS GAYS QUE FREQUENTAVAM ESSAS CASAS NOTURNAS.

NO LIVRO “DISCO”, O ALBERT GOLDMAN FEZ QUESTÃO DE ASSOCIAR A CULTURA DAS DISCOTECAS AO MITO DE QUE A HOMOSSEXUALIDADE É SINÔNIMO DE PROMISCUIDADE.

[SONORA 5 - ADAILSON PAIVA: LEITURA DO TRECHO DE DISCO, DO ALBERT GOLDMAN COM UM EFEITO DE VOZ DE GRAVADOR]

E NÃO FOI APENAS O JORNALISMO QUE NÃO SOUBE MUITO BEM COMO RETRATAR A MÚSICA DISCO... AS ANÁLISES POLÍTICAS TAMBÉM NÃO PARECIAM ENTRAR EM CONSENSO SOBRE QUE LADO A DISCO REPRESENTAVA.

NAS MINHAS PESQUISAS, EU ESBARREI COM UM LIVRO DO PROFESSOR ESTADUNIDENSE TIM LAWRENCE CHAMADO “LOVE SAVES THE DAY” ONDE ELE DISSE QUE A DIREITA ACREDITAVA QUE A MÚSICA DISCO REPRESENTAVA O TIPO ERRADO DE CAPITALISMO E GRANDES PARCELAS DA ESQUERDA CONCORDAVAM QUE A DISCO SIMPLEMENTE ERA O CAPITALISMO PELO SEU APELO COMERCIAL E RADIOFÔNICO.

E FALANDO EM COMERCIAL, É NA SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE SETENTA QUE SÃO LANÇADOS ALGUNS DOS MAIORES SUCESSOS QUE VOCÊ COM CERTEZA JÁ OUVIU.

MÚSICAS QUE ATÉ HOJE APARECEM EM TRILHAS SONORAS, SETS DE DJS E FESTAS.

[TRILHA COM SOM DE VITROLA ROLANDO VINIL ENQUANTO EU FALO O NOME DAS CANÇÕES SEGUINTE]

“HOT STUFF”, DA DONNA SUMMER; SUCESSOS COMO “GIMME! GIMME! GIMME! (A MAN AFTER MIDNIGHT)”, “VOULEZ-VOUZ” E OUTROS MIL HITS DO ABBA; LE FREAK, DO GRUPO CHIC, “SEPTEMBER”, DO EARTH, WIND AND FIRE; “THAT’S THE WAY (I LIKE IT)”, DO KC & THE SUNSHINE E ATÉ MESMO A FAMOSA MÚSICA DE ABERTURA DO FINADO PROGRAMA DE TV VIDEO SHOW (NADA MAIS QUE O INSTRUMENTAL DE “DON’T STOP ‘TILL YOU GET ENOUGH, DO MICHAEL JACKSON).

E SE VOCÊ SE PERGUNTOU: MAS E EM TERRAS NACIONAIS? COMO ESSA CULTURA DAS DISCOTECAS CHEGOU NO NOSSO PAÍS TROPICAL?

EXISTIA DISCO MUSIC MADE IN BRASIL? A RESPOSTA É UM POUCO MAIS LONGA DO QUE EU GOSTARIA QUE FOSSE.

E É POR ISSO QUE ELA FICA PARA O PRÓXIMO CAPÍTULO DESSA HISTÓRIA.

[EFEITO SONORO DE CLIQUE EM UM GRAVADOR]

----- CRÉDITOS -----

[TRILHA DISCO/GROOVY]

ESSE FOI O PRIMEIRO EPISÓDIO DO PODCAST DISCOTECA FRENÉTICA, UMA NARRATIVA SOBRE O NASCIMENTO, ASCENSÃO, MORTE E RENASCENÇA DA MÚSICA DISCO.

EU SOU RAYSSA OLIVEIRA E FUI A RESPONSÁVEL PELA PRODUÇÃO, ROTEIRO E NARRAÇÃO DESSE EPISÓDIO

A PARTICIPAÇÃO MAIS QUE ESPECIAL É DO PROFESSOR LUIZ EDUARDO OLIVEIRA.

A VOZ QUE NARRA OS ESCRITOS DO JORNALISTA ALBERT GOLDMAN E A EDIÇÃO SÃO DE ADAILSON PAIVA.

A REVISÃO FICOU POR CONTA DA MINHA ORIENTADORA, A PROFESSORA PATRÍCIA MONTEIRO.

**PARA OUVIR OS QUATRO EPISÓDIOS QUE FAZEM PARTE DESSA DISCOTECA,
BASTA SINTONIZAR NO SEU AGREGADOR DE PODCASTS PREFERIDO.**

ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO.

APÊNDICE F - ROTEIRO DO EPISÓDIO 2

EPISÓDIO: ABRA SUAS ASAS

LEGENDA:

OFF

[INSTRUÇÕES DE TRILHA]

[SONORA/TRECHOS DE ENTREVISTAS]

[TRILHA DE TV CHIANDO E LIGANDO EM ALGO]

QUANDO EU TINHA NOVE ANOS DE IDADE, O MEU PAI ME FEZ SENTAR NO SOFÁ DA SALA E ASSISTIR UM DVD.

EU LEMBRO POUCO OU NADA DO MOTIVO, DO CONTEXTO DESSE ENCONTRO OU DE COMO ELE DECIDIU ME MOSTRAR O QUE ESTAVA PRESTES A APARECER NAQUELA TELEVISÃO.

MAS O SEU SÉRGIO (QUE É COMO OUTRAS PESSOAS O CHAMAM) SEMPRE TEVE A MÚSICA COMO UMA PARTE FUNDAMENTAL DA VIDA DELE. MOSTRAR CANÇÕES E ARTISTAS SEMPRE FOI A PRAIA DELE.

O QUE ELE NÃO SABIA É QUE AQUELA IA SER A MINHA PRAIA TAMBÉM. E EU NUNCA IRIA ESQUECER DAQUELA TARDE.

PORQUE AO ME MOSTRAR AQUELE DVD DOS BEE GEES ELE IRIA INCENTIVAR UMA (MINI) OBSESSÃO QUE, MAIS DE CATORZE ANOS DEPOIS, SERIA O TEMA DO MEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO.

POIS É, ESSE TRABALHO AQUI QUE VOCÊ ESTÁ OUVINDO NESTE EXATO MOMENTO. E EU SEI QUE EU PROMETI FALAR SOBRE A MÚSICA DISCO FEITA NO BRASIL. MAS ANTES, EU TINHA UMA OUTRA PERGUNTA A RESPONDER:

COMO OS BRASILEIROS COMEÇARAM A TER CONTATO COM UM GÊNERO MUSICAL FEITO LÁ FORA?

PRIMEIRO, EU QUIS SABER COMO AS PESSOAS PERTO DE MIM TINHAM CHEGADO NO MUNDO DAS DISCOTECAS. E NADA MELHOR DO QUE CONTINUAR COM O NEPOTISMO COM O QUAL EU INICIEI ESSE EPISÓDIO E PARTIR PARA CONVERSAR COM OUTRO MEMBRO DA MINHA FAMÍLIA:

O MEU TIO ALOÍSIO. EMBORA FAÇA ALGUNS ANOS QUE A GENTE NÃO SE VEJA, EU SEMPRE LEMBRO DELE E DA ESPOSA DELE, TIA ROSE, COMO UM CASAL QUE NÃO PERDE A OPORTUNIDADE DANÇAR AO SOM DE UMA BOA MÚSICA.

[SONORA 1 - TIO ALOÍSIO]

E A HISTÓRIA DO MEU TIO ALOISIO COM A MÚSICA DISCO É TAMBÉM A HISTÓRIA DA ADOLESCÊNCIA DELE.

[SONORA 2: - TIO ALOÍSIO]

SE VOCÊ SABE DE QUALQUER COISA SOBRE DISCO, DEVE TER ACHADO ESTRANHO EU SEQUER TER MENCIONADO O ESTRONDO QUE FORAM OS “EMBALOS DE SÁBADO A NOITE”. MAS NÃO SE PREOCUPE: A GENTE CHEGA LÁ NO PRÓXIMO EPISÓDIO. MAS AQUI VAI UM DEPOIMENTO DO MEU TIO DE COMO FOI A PERCEPÇÃO DELE AO VER O FILME NA ÉPOCA:

[SONORA 3 - TIO ALOÍSIO]

E COMO BOA CURIOSA QUE SOU (OU SIMPLEMENTE UMA JORNALISTA PRESTES A SE FORMAR) EU PERGUNTEI O QUE MAIS ESTAVA ANSIOSA PARA SABER. “TIO, O SENHOR FREQUENTAVA DISCOTECAS?”

[SONORA 4 - TIO ALOISIO]

TIO ALOÍSIO AINDA FEZ QUESTÃO DE AJUDAR A CONCLUINTE DE GRADUAÇÃO AQUI ME CONECTANDO COM UM AMIGO DELE, MARCELO ALVES, QUE TAMBÉM TEM RELAÇÃO MUITO INTERESSANTE DA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA COM A DISCO.

[SONORA 5 - MARCELO ALVES]

E CLARO, ELE TAMBÉM TEM UMA CONEXÃO ESPECIAL COM EMBALOS DE SÁBADO À NOITE. CONEXÃO ESSA QUE INFLUENCIOU MARCELO A INCLUSIVE SE JUNTAR A TURMA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL TAMBÉM.

[SONORA 6 - MARCELO ALVES (00:00-1:29)]

MARCELO E TIO ALOÍSIO FALARAM COMIGO LÁ DE SÃO PAULO. MAS NÃO PENSE QUE EU ME ESQUECI DA PARAÍBA. A CULTURA DAS DISCOTECAS E DOS DJS JÁ TINHA CHEGADO POR AQUI NA DÉCADA DE MIL NOVECENTOS E SETENTA.

[SONORA 7 - DJ BRAZINHA (00:00-00:25)]

OS OUVINTES DA RÁDIO TABAJARA, UMA EMISSORA ESTATAL DE 87 ANOS, COM CERTEZA CONHECEM ESSA VOZ. ESSE É O DJ BRAZINHA, RESPONSÁVEL PELA APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA “MÁQUINA DO TEMPO” E TAMBÉM PELA REALIZAÇÃO DE UMA FESTA DE MESMO NOME. AMBOS TÊM A INTENÇÃO DE AGITAR O PÚBLICO COM CANÇÕES DAS DÉCADAS DE SESENTA, SETENTA, OITENTA, NOVENTA E DOIS MIL.

EU ENTREVISTEI BRAZINHA NO MUSEU DO RÁDIO PARAIBANO, LOCALIZADO NA SEDE DA RÁDIO TABAJARA AQUI EM JOÃO PESSOA. A GENTE CONVERSOU RODEADO DE VINIS, EQUIPAMENTOS ANTIGOS E MEMORÁBILIA DO RÁDIO.

ELE ME MOSTROU DISCOS DE ZÉ E ELBA RAMALHO, LUIZ GONZAGA E RITA LEE E ROBERTO DE CARVALHO. ACHO QUE NÃO PODIA HAVER UM AMBIENTE MELHOR PARA ESSA TROCA.

MAS CLARO QUE A NOSSA CONVERSA FOI SOBRE A MÚSICA DISCO.

[SONORA 8 - DJ BRAZINHA (3:16-3:38)]

O QUE BRAZINHA ME CONTA É QUE AQUI EM JOÃO PESSOA O NOME PARA AS CASAS NOTURNAS DA ÉPOCA NÃO ERA NECESSARIAMENTE “DISCOTECA”.

[SONORA 9 - DJ BRAZINHA (7:05-7:32)]

MAS ISSO NÃO IMPEDIA AS PESSOAS DE FAZEREM AS SUAS PRÓPRIAS DISCOTECAS, OU TAMBÉM OS “ASSUSTADOS”...

[SONORA 10 - DJ BRAZINHA (8:57-9:50)]

E QUANDO FALAMOS DE ARTISTAS DISCO, AS REFERÊNCIAS DE BRAZINHA COMO BOM DJ QUE É NÃO PODIAM SER OUTRAS...

[SONORA 11 - DJ BRAZINHA (7:53-8:37)]

TODO MUNDO QUE EU CONVERSEI FALA SOBRE ESSES GIGANTES DA CULTURA POP DA ÉPOCA. BEE GEES, EMBALOS DE SÁBADO A NOITE, DONNA SUMMER...

MAS A CHEGADA DA DISCO NO BRASIL ACONTECEU EM UM PERÍODO CONTURBADO E SOMBRIO DA NOSSA HISTÓRIA: A DITADURA MILITAR.

[TRILHA “ESSE É UM PAÍS QUE VAI PRA FRENTE” (00:50-1:05)]

NÃO SE ENGANE COM A MENSAGEM DE PROSPERIDADE. ESSA É UMA MÚSICA UTILIZADA NAS PROPAGANDAS PARA TV DO GOVERNO GEISEL, UM DOS MILITARES DA DITADURA.

É POSSÍVEL VER OS ELEMENTOS COMUNS DE UMA PEÇA PUBLICITÁRIA DE REGIMES AUTORITÁRIOS: EXALTAÇÃO A SÍMBOLOS NACIONAIS, NACIONALISMO...

MAS O QUE CHAMA ATENÇÃO AQUI É QUE ENQUANTO ESSA MÚSICA TOCA, UMA FILA DE CRIANÇAS DÁ AS MÃOS. ENTRE ELAS, HÁ UMA CRIANÇA BRANCA, OUTRA LESTE-ASIÁTICA SEGUIDA DE CRIANÇAS INDÍGENAS E NEGRAS.

O TRAÇO UTILIZADO NESSA ANIMAÇÃO É EXTREMAMENTE RACISTA E REFORÇA ESTEREÓTIPOS RACIAIS QUE APARECIAM EM DESENHOS DA ÉPOCA.

MAS A MENSAGEM PRINCIPAL CONDIZ COM ISSO AÍ: A DE QUE O NOSSO PAÍS SERIA UMA GRANDE “DEMOCRACIA RACIAL”.

DIGO ISSO, PORQUE AS PRIMEIRAS PESSOAS A TOCAREM DISCO NO BRASIL FAZIAM ISSO DE UM JEITO QUE INCOMODAVA OS MILITARES. ERA O QUE MAIS TARDE, OS HISTORIADORES VIRIAM A CHAMAR DE “MOVIMENTO BLACK RIO”.

[TRILHA DE DISCOTECA]

ELE FOI UMA SÉRIE DE BAILES E FESTAS ORGANIZADAS POR PESSOAS NEGRAS NO RIO DE JANEIRO DO FINAL DA DÉCADA DE SESSENTA ATÉ O FIM DOS ANOS SETENTA.

OS PRINCIPAIS EXPOENTES DESSES EVENTOS FORAM O INCOMPARÁVEL DOM FILÓ E A BANDA BLACK RIO. E AMBOS NÃO SE RESUMIAM APENAS A DISCO MUSIC.

ESSE ERA SÓ UM DOS MUITOS GÊNEROS MUSICAIS QUE OS PRODUTORES CULTURAIS DOS CHAMADOS BAILES BLACK TOCAVAM. O FOCO ERA A MÚSICA NEGRA DA ÉPOCA: JAZZ, SOUL, FUNK E, CLARO, DISCO.

O PESQUISADOR LUCAS PEDRETTI ESCREVEU UM LIVRO CHAMADO “DANÇANDO NA MIRA DA DITADURA” SOBRE A PERSEGUIÇÃO DOS MILITARES A ESSES BAILES E O PORQUÊ A DITADURA SE INCOMODAVA TANTO COM ELES.

[SONORA 12 - LUCAS PEDRETTI (00:31-1:15)]

FOI ENQUANTO EU O ENTREVISTAVA POR VIDEOCHAMADA QUE DESCOBRI QUE LUCAS PARTICIPOU DA COMISSÃO DA VERDADE E FOI LÁ QUE ELE TEVE CONTATO COM DOCUMENTOS DO DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL, O DOPS, (DOPS), ÓRGÃO DE REPRESSÃO DO REGIME.

A DITADURA ENTENDIA QUE O PERIGO DOS BAILES ESTAVA NO DITO “RACISMO NEGRO”:

[SONORA 13 - LUCAS PEDRETTI (39:45-40:55)]

O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL É UMA IDEIA DE QUE NÃO HÁ RACISMO NO BRASIL. É COMO SE, POR VÁRIOS FATORES (ENTRE ELES A “MISCIGENAÇÃO”), O NOSSO PAÍS NÃO FOSSE UM TERRITÓRIO QUE OPRIME, DISCRIMINA E MATA PESSOAS PRETAS DIARIAMENTE.

COMO VOCÊ OUVIU NA FALA DO LUCAS, ESSE MITO NÃO É SÓ UM ACESSÓRIO QUE PESSOAS BRANCAS USAM QUANDO QUEREM NEGAR SEUS PRIVILÉGIOS. ELE TAMBÉM É E FOI UTILIZADO COMO UMA FERRAMENTA DE PERSEGUIÇÃO À COMUNIDADE NEGRA.

EU FIZ QUESTÃO DE COMEÇAR A HISTÓRIA DA MÚSICA DISCO NO BRASIL PELO MOVIMENTO BLACK RIO, PORQUE POR MUITO TEMPO O CÂNONE MUSICAL BRASILEIRO DIZIA QUE A DISCO COMEÇOU EM UM LUGAR MUITO DIFERENTE DA PERIFERIA CARIOCA.

[TRILHA DE FESTA]

DIZIAM QUE A RESPONSÁVEL POR TRAZER A MÚSICA DISCO AO NOSSO PAÍS FOI UMA DISCOTECA COM UM NOME BEM FAMOSO...

A FRENETIC DANCING DAYS. SE VOCÊ RECONHECEU DUAS OU MAIS PALAVRAS NESSE MEU GASTO DE INGLÊS, É PORQUE ELE DEU ORIGEM A DOIS ÍCONES DA CULTURA DISCO BRASILEIRA:

A NOVELA DANCIN' DAYS, DE GILBERTO BRAGA, EXIBIDA PELA TV GLOBO E QUE TINHA COMO ABERTURA UMA CANÇÃO DAS FRENÉTICAS, GRUPO MUSICAL MONTADO PELO JORNALISTA E PRODUTOR NELSON RODRIGUES.

QUE, POR SINAL, ERA O PROPRIETÁRIO DA BOATE FRENETIC DANCING DAYS.

A NOVELA FOI PROTAGONIZADA PELA MARAVILHOSA SÔNIA BRAGA E AS FRENÉTICAS ERAM PRODUZIDAS POR NINGUÉM MENOS QUE ROBERTO DE CARVALHO.

INCLUSIVE, O TÍTULO DESSE EPISÓDIO É A PRIMEIRA FRASE DA MÚSICA DE ABERTURA DE DANCIN' DAYS.

ESSE LADO DA HISTÓRIA DA MÚSICA DISCO NO BRASIL ESTÁ BEM RESTRITA A ELITE CULTURAL CARIOCA, QUE TINHA MAIS LIBERDADE PARA FAZER SUAS DISCOTECAGENS.

NESSE AMBIENTE, A DITADURA NÃO VIA A DISCO COMO AMEAÇA. COMO ACONTECEU NOS BAILES BLACK DO RIO.

É CLARO QUE NÃO FORAM APENAS BRANCOS QUE FIZERAM MÚSICA DISCO NO MAINSTREAM BRASILEIRO.

TIM MAIA, UM GRANDE REPRESENTANTE DA BLACK MUSIC NO NOSSO PAÍS, LANÇOU EM MIL NOVECENTOS E SETENTA E OITO UM ÁLBUM INTEIRO DO GÊNERO CHAMADO "DISCO CLUB".

E COMO DIRIA RITA LEE, “NA ONDA DISCOTHÉQUE DA AMÉRICA DO SUL, ZULEIDE É LADY ZU”. TAMBÉM CONHECIDA COMO UMA DAS PRECURSORAS DA DISCO MUSIC NO NOSSO PAÍS.

LADY ZU É A VOZ POR TRÁS DO SUCESSO “A NOITE VAI CHEGAR”, UMA DAS PRINCIPAIS MÚSICAS DA FEBRE DISCO NO BRASIL. A SUA PRODUÇÃO E POSICIONAMENTO DE IMAGEM ERAM FEITOS PARA ESPELHAR O SUCESSO DAS DIVAS DISCO QUE EU TE CONTEI LÁ NO PRIMEIRO EPISÓDIO, COMO DONNA SUMMER E DIANA ROSS.

[EFEITO SONORO DE TV SINTONIZANDO]

ALÉM DISSO, UM GÊNERO MUSICAL NÃO É DE FATO SUCESSO NO NOSSO PAÍS SE ELE NÃO FOR IMPULSIONADO PELA TELEVISÃO. E COM A DISCO NÃO FOI DIFERENTE.

[TRILHA ABERTURA PROGRAMA CARLOS IMPERIAL (00:01/00:11) COM FADE OUT ENQUANTO EU COMEÇO A NARRAR O SEGUINTE BLOCO DE TEXTO]

O PROGRAMA CARLOS IMPERIAL PASSAVA NA FINADA TV TUPI E FOI AO AR PELA PRIMEIRA VEZ EM MIL NOVECENTOS E SETENTA E OITO.

ELE TINHA UM CONCURSO SÓ PARA A MÚSICA DISCO. COMO VOCÊ DEVE TER REPARADO PELO NOME, ELE ERA APRESENTADO PELO POLÊMICO CARLOS IMPERIAL.

E FOI O RESPONSÁVEL POR CATAPULTAR A DISCO MUSIC A NÍVEL NACIONAL. ARTISTAS COMO GRETCHEN FORAM REVELADOS POR LÁ.

MAS O QUE ME CHAMOU ATENÇÃO MESMO FOI UM VÍDEO QUE EU RECEBI DO PROFESSOR LUIZ EDUARDO OLIVEIRA, COM QUEM EU CONVERSEI NO EPISÓDIO ANTERIOR.

O TRECHO TRAZ UMA APRESENTAÇÃO NO PROGRAMA CARLOS IMPERIAL DA “UMBANDA EM RITMO DE DISCOTHÉQUE”.

[TRILHA PROGRAMA CARLOS IMPERIAL “DISCO UMBANDA” 1: (00:00-00:42)]

O CENÁRIO DESSE PROGRAMA É BEM SEMELHANTE A OUTROS DA ÉPOCA: CORES, LUZES E DANÇARINAS NO FUNDO. ENQUANTO O CARLOS IMPERIAL FALA, ENTRA UM GRUPO DE MULHERES VESTIDAS COM ROUPAS BRANCAS TRADICIONAIS DA UMBANDA SEGUIDAS DO CANTOR QUE VESTE UMA CAMISA BRANCA COM A GOLA ABERTA E CALÇAS. CHEGOU A HORA DO BRASIL OUVIR A DISCO UMBANDA:

[TRILHA PROGRAMA CARLOS IMPERIAL “DISCO UMBANDA” 2: (00:53-01:17) COM FADE OUT ENQUANTO EU COMEÇO A NARRAR O SEGUINTE BLOCO DE TEXTO]

A LETRA REPLETA DE REFERÊNCIAS A ELEMENTOS CULTUADOS EM RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA EMBALA O CANTOR E SUAS DANÇARINAS EM UM RITMO DE FELICIDADE BEM BRASILEIRO.

MAS NÃO CAIA NA TENTAÇÃO DE ACHAR QUE A DISCO NÃO SE MISTURAVA COM POLÍTICA. EM 1979, A BANDA BLACK RIO DEU UMA “CUTUCADA” NO ÚLTIMO MILITAR PRESIDENTE DO NOSSO PAÍS COM O MELÔ DO FIGUEIREDO, A “MÚSICA OFICIAL DOS CONCURSOS DE DISCOTHEQUE”, SEGUNDO CARLOS IMPERIAL.

A CANÇÃO É MAIS INSTRUMENTAL E AS POUCAS VEZES QUE VOZES HUMANAS APARECEM, ELAS FORMAM UM CORAL QUE REPETE “FIGUEIREDO, FIGUEIREDO”.

ELA TAMBÉM FEZ PARTE DA TRILHA SONORA DO FILME SÁBADO ALUCINANTE, UMA PRODUÇÃO NACIONAL COM BASTANTE INSPIRAÇÃO DE EMBALOS DE SÁBADO A NOITE.

[TRILHA DISCO/GROOVY]

A MÚSICA DISCO TAMBÉM TEVE CONTRIBUIÇÃO DE ARTISTAS DE OUTROS GÊNEROS MÚSICAIS COMO ROCK E MPB. A CANÇÃO “CORRE-CORRE” DE RITA LEE É UM BOM EXEMPLO DISSO.

JÁ CAETANO VELOSO FOI ALÉM E FEZ UM TRABALHO COMPLETO COM ELEMENTOS DISCO, SOUL E FUNK.

SEGUNDO O JORNALISTA RODRIGO FOUR NO SEU LIVRO “HISTÓRIA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA”, O ESPETÁCULO BICHO BAILE SHOW; FEITO POR CAETANO AO LADO DA BANDA BLACK RIO FOI EXECRADO.

A CRÍTICA MAIS POLITIZADA QUESTIONAVA, ABRE ASPAS:“COMO ALGUÉM PODE PENSAR EM DANÇAR E FICAR EM PAZ COM O CORPO SE O COURO ESTAVA COMENDO EM PLENA DITADURA”? FECHA ASPAS.

[EFEITO SONORO DE TECLA DE GRAVADOR]

ACHO QUE VOCÊ PERCEBEU PELO TANTO QUE EU TE CONTEI AQUI QUE DANÇAR NÃO SIGNIFICA ESQUECER QUE O CASSETETE PODIA TE ESPERAR DO LADO DE FORA DA DISCOTECA.

PARA ALGUMAS PESSOAS, ESPECIALMENTE PESSOAS NEGRAS, FOI ISSO QUE ACONTECEU.

MAS OS AMBIENTES DOS BAILES, DAS DISCOTECAS NO BRASIL DA DÉCADA DE 70 MOSTRAM QUE TENTAR SOCIALIZAR E ENCONTRAR FELICIDADE NO FESTEJAR COLETIVO NÃO É COISA DE GENTE ALIENADA.

É COISA DE GENTE. FAZ PARTE DE SER HUMANO E PRECISAR COMEMORAR, DANÇAR, EXTRAVASAR E ATÉ MESMO, PROTESTAR ENQUANTO SOLTA UM BEAT MUITO LEGAL SOBRE UM PRESIDENTE NADA LEGAL.

INFELIZMENTE, A MÚSICA DISCO NO BRASIL TAMBÉM TEVE O SEU DECLÍNIO. MAS AS RAZÕES PARA ISSO FICAM PARA O PRÓXIMO EPISÓDIO.

ONDE EU TE CONTO SOBRE UM VELÓRIO NO QUAL O FALECIDO PARECE SE RECUSAR A MORRER.

----- **CRÉDITOS** -----

[TRILHA DISCO/GROOVY]

ESSE FOI O SEGUNDO EPISÓDIO DO PODCAST DISCOTECA FRENÉTICA, UMA NARRATIVA SOBRE O NASCIMENTO, ASCENSÃO, MORTE E RENASCENÇA DA MÚSICA DISCO.

EU SOU RAYSSA OLIVEIRA E FUI A RESPONSÁVEL PELA PRODUÇÃO, ROTEIRO E NARRAÇÃO DESSA EPISÓDIO.

AS PARTICIPAÇÕES MAIS QUE ESPECIAIS SÃO DE ALOÍSIO OLIVEIRA, MARCELO ALVES, DJ BRAZINHA E LUCAS PEDRETTI.

A EDIÇÃO É DE ADAILSON PAIVA E A REVISÃO FICOU POR CONTA DA MINHA ORIENTADORA, A PROFESSORA PATRÍCIA MONTEIRO.

PARA OUVIR OS QUATRO EPISÓDIOS QUE FAZEM PARTE DESSA DISCOTECA, BASTA SINTONIZAR NO SEU AGREGADOR DE PODCASTS PREFERIDO.

ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO.

APÊNDICE G - ROTEIRO DO EPISÓDIO 3

EPISÓDIO: FIM DE FESTA

LEGENDA:

OFF

[INSTRUÇÕES DE TRILHA]

[SONORA/TRECHOS DE ENTREVISTAS]

[TRILHA QUE EMULA UMA CANÇÃO FÚNEBRE]

NA CIDADE ONDE EU FUI CRIADA, NO INTERIOR DE PERNAMBUCO, AS PESSOAS ANUNCIAM FALECIMENTOS EM UM CARRO DE SOM.

POIS É. EM BONITO, NO AGRESTE PERNAMBUCANO, É POSSÍVEL PAGAR PARA ALGUÉM DIRIGIR PELA CIDADE INTEIRA CONVIDANDO OS MORADORES PARA COMPARECEREM AO ENTERRO DO SEU ENTE QUERIDO.

UM DOS PRESTADORES MAIS TRADICIONAIS DESSE SERVIÇO SE CHAMA JAIME. A VOZ DELE É ALGO QUE EU GOSTARIA DE TER GRAVADO, MAS JÁ QUE NÃO TENHO, POSSO TE DAR UMA IDEIA DE COMO É A ESTRUTURA DA “NOTA DE FALECIMENTO” DO SEU JAIME. E ELA É MAIS OU MENOS ASSIM:

[EFEITO DE VOZ QUE IMITA O DE UM MEGAFONE] NOTA DE FALECIMENTO. FALECEU NO DIA DOZE DE JULHO DE MIL NOVECENTOS E SETENTA E NOVE A SENHORA... MÚSICA DISCO. COM A IDADE DE (MAIS OU MENOS) OITO ANOS. A FAMÍLIA ENLUTADA CONVIDA A TODOS PARA O VELÓRIO E AGRADECE POR ESTE ATO DE FÉ E CARIDADE CRISTÃ.

LOGO DEPOIS, ENTRA A VOZ DO PADRE MARCELO ROSSI CANTANDO UMA MÚSICA QUE DIZ ALGO COMO “TE AMAREI SENHOR”.

EU JAMAIS FAREI JUSTIÇA A GRANDIOSIDADE DA VOZ DE SEU JAIME, MAS A ESTRUTURA DO TEXTO E O RITMO QUE ELE USA SÃO MAIS OU MENOS ESSES QUE VOCÊ OUVIU.

COMECEI FALANDO DE MORTE E NOTA DE FALECIMENTO PORQUE ESSA É A MINHA REFERÊNCIA DO QUE ACONTECE QUANDO ALGUÉM MORRE, LÁ NO MEU INTERIOR.

A FAMÍLIA PAGA PARA SEU JAIME ANUNCIAR O OCORRIDO NO SEU CARRO DE SOM PELAS RUAS DA CIDADE.

E COMO VOCÊ SABE PELO SPOILER QUE EU TE JÁ TE DEI NO PRIMEIRO EPISÓDIO, A HISTÓRIA DESSE PODCAST TEM UM EVENTO DE DESENCARNE.

ENTÃO SEM MAIS DELONGAS EU VOU TE RESPONDER COMO FOI A MORTE DA MÚSICA DISCO.

[EFEITO SONORO DE SINTONIZAÇÃO DE RÁDIO]

TODO TIPO DE PRODUTO CULTURAL QUE TEM MUITOS FÃS, TAMBÉM TÊM OS CHAMADOS “HATERS”. AQUELAS PESSOAS QUE ODEIAM ALGO PELO MERO FATO DE ELE SER POPULAR.

COM A MÚSICA DISCO NÃO FOI DIFERENTE. OS ROQUEIROS DA ÉPOCA ODIAVAM A DISCO PORQUE, SEGUNDO ELES, ELA ERA POP DEMAIS. COMERCIAL DEMAIS. FÚTIL DEMAIS.

AS MEIAS COLORIDAS DENTRO DOS SALTOS ALTOS E AS CALÇAS BOCA DE SINO APARENTAMENTE CAUSAVAM ALGUM TIPO DE REAÇÃO ALÉRGICA A FRACA MASCULINIDADE DOS FÃS DE ROCK.

FOI ASSIM QUE SURTIU UM MOVIMENTO CHAMADO “DISCO SUCKS” QUE, TRADUZIDO PARA O PORTUGUÊS, FICA ALGO COMO “A DISCO É UMA PORCARIA” OU “A DISCO NÃO PRESTA”.

UM DOS PRINCIPAIS LÍDERES DESSE MOVIMENTO FOI UM DJ CHAMADO STEVE DAHL.

E QUANDO EU FALO DJ, EU ME REFIRO AOS DJS DE RÁDIO DA DÉCADA DE 70. O QUE ELES FAZIAM ERA BEM DIFERENTE DO QUE O DAVID GUETTA FAZ, POR EXEMPLO.

ESSES DJS TINHAM SEUS PRÓPRIOS PROGRAMAS E TOCAVAM MÚSICAS INDIVIDUAIS ENQUANTO DAVAM VOZ A ANÚNCIOS, INTRODUÇÕES, COMENTÁRIOS, PIADAS E COMERCIAIS ENTRE CADA CANÇÃO.

ISSO GERALMENTE ACONTECIA EM RÁDIOS ESPECÍFICAS DE UM GÊNERO MUSICAL. OU PELO MENOS O PROGRAMA DESSE DJ ERA DE UM GÊNERO MUSICAL ESPECÍFICO.

NO CASO DO STEVE DAHL, VOCÊ JÁ DEVE TER ADIVINHADO: ELE ERA DA TURMA DO ROCK.

[EFEITO SONORO DE GUITARRA DISTORCIDA]

VALE RESSALTAR QUE O ROCK DA DÉCADA DE 70 JÁ TINHA SAÍDO HÁ BASTANTE TEMPO DAS MÃOS DOS SEUS CRIADORES: HOMENS E MULHERES NEGROS.

O PÚBLICO QUE CURTIA ESSE ESTILO ERA BEM BRANCO E FORMADO MAJORITARIAMENTE POR HOMENS.

MAS VOLTANDO AO STEVE DAHL.

[EFEITO SONORO DE REVERSÃO DE UM DISCO]

ELE ODIAVA A MÚSICA DISCO. ODIAVA MESMO. ODIAVA TANTO QUE DECIDIU PROMOVER A SEGUINTE AÇÃO:

QUEM LEVASSE UM ÁLBUM DE QUALQUER ARTISTA DISCO PARA O JOGO DO TIME DE BASEBALL CHICAGO WHITE SOX CONTRA OS DETROIT TIGERS GANHARIA UM DESCONTO NOS INGRESSOS.

A IDEIA É QUE DAHL EXPLODIRIA OS VINIS NO INTERVALO DO JOGO.

E ASSIM ACONTECEU.

[TRILHA DE UMA MULTIDÃO GRITANDO E QUEBRANDO COISAS]

UMA MULTIDÃO DE HOMENS BRANCOS USANDO BLUSAS COM A EXPRESSÃO “DISCO SUCKS!” MARCOU PRESENÇA, ULTRAPASSANDO O NÚMERO DE PESSOAS ESPERADAS NO ESTÁDIO.

A SITUAÇÃO ACABOU FUGINDO UM POUCO DE CONTROLE, COM O PÚBLICO INVADINDO O GRAMADO E GRITANDO PALAVRAS DE ORDEM ATÉ SER PARADO PELA POLÍCIA.

[TRILHA DISCO DEMOLITION NIGHT (00:18-00:40)]

A QUESTÃO É QUE AQUELES HOMENS BRANCOS NÃO SE CONTENTARAM EM QUEIMAR APENAS VINIS DE MÚSICA DISCO.

MUITOS DELES LEVARAM ÁLBUNS DE OUTROS ARTISTAS NEGROS DE OUTROS GÊNEROS MÚSICAIS, COMO STEVIE WONDER.

O STEVIE WONDER NÃO FAZIA DISCO MUSIC. MAS ERA UM HOMEM NEGRO QUE ESTAVA DOMINANDO AS PARADAS MÚSICAIS.

PARA MUITOS HISTORIADORES ESSA NÃO FOI APENAS A MORTE ESPIRITUAL DA MÚSICA DISCO, MAS TAMBÉM UM ACONTECIMENTO COM TEOR HOMOFÓBICO E RACISTA.

AQUELA MULTIDÃO DE “MACHÕES” BRANCOS ESTAVA VENDO OUTRO GÊNERO MUSICAL ALÉM DO ROCK TER UM SUCESSO GIGANTESCO.

E ESSE GÊNERO MUSICAL ERA AMPLAMENTE ASSOCIADO A HOMENS GAYS, PESSOAS NEGRAS E LATINAS, MULHERES... A TUDO QUE OS INCOMODAVA.

[EFEITO SONORO DE UM BOTÃO DE GRAVADOR SENDO APERTADO]

É CLARO QUE AS GRAVADORAS NÃO PARARAM DE LANÇAR MÚSICA DISCO IMEDIATAMENTE APÓS ESSE DIA. O DECLÍNIO FOI GRADUAL E, PARA SER SINCERA, ELE JÁ ESTAVA EM ANDAMENTO HÁ UNS ANOS.

MAS HÁ QUEM DIGA QUE AS DISCOTECAS NUNCA MAIS FORAM AS MESMAS DEPOIS DESSE DIA. E HÁ QUEM ACREDITE QUE O PRINCIPAL CATALISADOR DESSE EVENTO FOI O SUCESSO ESTRONDOSO DA TRILHA DE UM FILME QUE EU JÁ VENHO CITANDO HÁ ALGUNS EPISÓDIOS...

ELE MESMO, OS EMBALOS DE SÁBADO A NOITE, OU TAMBÉM “SATURDAY NIGHT FEVER”, NO ORIGINAL.

[TRILHA DISCO/GROOVY]

ESSE É PROVAVELMENTE UM DOS FILMES MAIS FAMOSOS DA HISTÓRIA DO CINEMA. MAS AO MESMO TEMPO, PARECE QUE NINGUÉM LEMBRA DIREITO SOBRE O QUE ELE REALMENTE É.

ENTÃO EU VOU FAZER UM RESUMO (COM SPOILERS) PARA VOCÊ:

O FILME PROTAGONIZADO PELO JOHN TRAVOLTA CONTA A HISTÓRIA DO JOVEM ÍTALO-AMERICANO TONY MANERO E DAS SUAS IDAS À DISCOTECA.

ELE É UM CARA ESTILOSO, VAIDOSO. PENTEIA O CABELO MINUCIOSAMENTE TODAS AS MANHÃS E USA TERNINHOS COLORIDOS QUE COMBINAM E QUE SEGUEM A MODA DA ÉPOCA.

TONY MANERO NÃO FOI A FACULDADE E NÃO É NECESSARIAMENTE O ORGULHO DA FAMÍLIA. DE DIA, TRABALHA COMO ATENDENTE EM UMA LOJA.

A NOITE, ELE É O REI DAS DISCOTECAS.

EU FIQUEI MUITO SURPRESA QUANDO DESCOBRI QUE ESSE ERA UM FILME MUITO SOMBRIO QUE TOCA EM ASSUNTOS COMO DESILUSÃO DA JUVENTUDE DOS ANOS 70 E ATÉ MESMO SUICÍDIO.

PORQUE TUDO QUE ME VINHA À CABEÇA QUANDO FALAVAM “EMBALOS DE SÁBADO A NOITE” ERA O JOHN TRAVOLTA.

O JOHN TRAVOLTA EM UM TERNO BRANCO.

OU JOHN TRAVOLTA EM UM TERNO BRANCO DANÇANDO.

OU AINDA JOHN TRAVOLTA EM UM TERNO BRANCO DANÇANDO BEE GEES.

NINGUÉM ME PREPAROU PARA AS CENAS PESADÍSSIMAS E OS XINGAMENTOS RACISTAS E HOMOFÓBICOS CONSTANTES. OU PARA A CENA DE ASSÉDIO SEXUAL.

E ANTES QUE ALGUÉM VENHA ME ACUSAR DE QUERER “CANCELAR” UM FILME DE MAIS DE QUARENTA ANOS ATRÁS, EU QUERIA DIZER QUE MINHA INTENÇÃO NÃO É ANALISÁ-LO COM OS OLHOS DE UMA JOVEM DO SÉCULO XXI.

O QUE EU QUERO AQUI É CONTEXTUALIZÁ-LO DENTRO DOS PARÂMETROS DA ÉPOCA. E, ATÉ MESMO NAQUELA ÉPOCA, ESSE ERA MAIS UM FILME QUE RETRATAVA OS ESTADOS UNIDOS DE MANEIRA SOMBRIA E PESSIMISTA.

ASSIM COMO TAXI DRIVER, POR EXEMPLO.

A OBRA RAPIDAMENTE SE TORNOU UM GRANDE REPRESENTANTE DO MOVIMENTO DISCO E DOS ANOS 70. E, TALVEZ, ISSO SEJA PARTE DO DILEMA DE AFASTAMENTO DA DISCO DAS SUAS ORIGENS.

COMO EU SEI DISSO E COMO EU POSSO TE PROVAR QUE ESSA NÃO É UMA “PROBLEMATIZAÇÃO” DOS DIAS DE HOJE?

SIMPLES. O MATERIAL ORIGINAL QUE INSPIROU EMBALOS DE SÁBADO À NOITE.

[TRILHA QUE INDICA CURIOSIDADE]

O FILME FOI INSPIRADO EM UMA REPORTAGEM INTITULADA “THE TRIBES AND RITES OF A NEW SATURDAY NIGHT”, DO JORNALISTA NIK COHN PARA NEW YORK MAGAZINE. PUBLICADA EM MIL NOVECENTOS E SETENTA E SEIS.

O OBJETIVO ERA CAPTURAR O FENÔMENO DAS DISCOTECAS. SÓ QUE A MATÉRIA FOI FICCIONALIZADA, INVENTADA POR COHN, QUE CRIOU DETALHES INEXISTENTES E MENTIU TER FEITO A REAL APURAÇÃO.

NO TEXTO, ELE DESCREVEU OS FREQUENTADORES DAS DISCOTECAS COMO JOVENS BRANCOS DA CLASSE TRABALHADORA.

O RESULTADO FOI QUE SUA REPORTAGEM SERVIU DE INSPIRAÇÃO PARA O ROTEIRO DO FILME MAIS FAMOSO SOBRE A CULTURA DISCO QUE, ASSIM COMO NA MATÉRIA, É PROTAGONIZADO POR BRANCOS.

A CONFISSÃO DA MENTIRA VEIO ANOS DEPOIS. NO ANIVERSÁRIO DE 40 ANOS DA REPORTAGEM, ELE RELATOU EM ENTREVISTA À JORNALISTA NADIA KHOMAMI QUE:

[SONORA 1 - ADAILSON PAIVA: LEITURA DA FALA DO NIK COHN]

O FOCO EM PERSONAGENS BRANCOS HETEROSSEXUAIS QUE SEMPRE PARECEM TER UMA EXPRESSÃO RACISTA NA PONTA DA LÍNGUA NÃO É O ÚNICO PROBLEMA EM UM FILME FEITO SOBRE UM GÊNERO MUSICAL CRIADO E AMADO POR PESSOAS TRANS, GAYS E NEGRAS.

O PROFESSOR TIM LAWRENCE APONTA UM OUTRO PROBLEMA NO ENREDO: A CONDENAÇÃO DA CULTURA DISCO.

POIS É, É QUASE IRÔNICO QUE UMA DAS PRIMEIRAS COISAS QUE VENHA À MENTE DAS PESSOAS QUANDO ELAS OUVEM A PALAVRA “DISCO” SEJA UMA ESPÉCIE DE LIÇÃO MORAL SOBRE A DISCO. NO SEU LIVRO “LOVE SAVES THE DAY”, LAWRENCE DIZ O SEGUINTE:

[SONORA 2 - ÁLISSON LUIS: LEITURA DA FALA DO TIM LAWRENCE]

ALÉM DE TUDO ISSO QUE EU ACABEI DE TE CONTAR (HOMENS BRANCOS EXPLODINDO COISAS, HOMENS BRANCOS SENDO UM PÉSSIMO EXEMPLO DE ÉTICA JORNALÍSTICA E HOMENS BRANCOS FAZENDO FILMES SOBRE MAIS HOMENS BRANCOS)...

OUTROS ASPECTOS INFLUENCIARAM O DECLÍNIO DA DISCO ALÉM DO AFASTAMENTO DAQUELES QUE A CRIARAM E APRECIARAM. MAS TUDO ISSO TÊM A VER COM O MESMO ATOR SOCIAL: A INDÚSTRIA CULTURAL.

A DISCO MUSIC TINHA SAÍDO DO CONTROLE DOS SEUS CRIADORES E FÃS ORIGINAIS E TINHA SIDO MASSIFICADA À EXAUSTÃO.

LONGE DE MIM QUERER TE CONVENCER QUE SÓ COISAS RUINS RESULTARAM DESSE PROCESSO.

FICA TRANQUILO. ABBA E BEE GEES AINDA SÃO SENSACIONAIS. EMBALOS DE SÁBADO A NOITE CONTINUA SENDO UM FILME IMPORTANTÍSSIMO.

MAS VERDADE SEJA DITA: O MUNDO ESTAVA CANSADO DE TANTA DISCO MUSIC. ERAM TANTOS ARTISTAS E MÚSICAS NOVAS SENDO CRIADAS PARA SURFAR NESSA ONDA, QUE O MOVIMENTO SATUROU.

SEM FALAR QUE FAZER MÚSICA DISCO ERA CARÍSSIMO. TODOS AQUELES ELEMENTOS ORQUESTRAIS QUE VOCÊ OUVI NAS FAIXAS DISCO ERAM GRAVADOS ANALOGICAMENTE, COM A GALERA TOCANDO MESMO.

[TRILHA DIRETAS JÁ (04:00-04:13)]

AQUI NO BRASIL, A REDEMOCRATIZAÇÃO DA DÉCADA DE 80 DAVA ESPAÇO PARA QUE CRÍTICAS AO GOVERNO FOSSEM FEITAS MAIS EXPLICITAMENTE. É

ASSIM QUE O ROCK NACIONAL SE TORNA MAIS POLÍTICO, MELANCÓLICO E PASSA A FALAR DE PROBLEMAS NACIONAIS TAMBÉM.

EMBORA, SEGUNDO O PROFESSOR LUIZ EDUARDO, ELE AINDA FOSSE UM GÊNERO MUSICAL BEM CONSERVADOR SE COMPARADO ÀS LOUCURAS DAS DISCOTECAS:

[SONORA 3: PROF. LUIZ EDUARDO OLIVEIRA - (51:10-51:46 + 8:58-9:20)]

A MORTE DA MÚSICA DISCO ACONTECEU ASSIM. TALVEZ, ESSE SEJA O DESTINO DE TODAS AS COISAS QUE SE AFASTEM DAQUELES QUE SÃO A SUA FONTE DE VIDA, DE ENERGIA E DE CRIAÇÃO.

MAS COMO DIZEM QUE “NADA SE CRIA, TUDO SE COPIA”, EU FICO MUITO FELIZ EM TE DIZER QUE A MÚSICA DISCO NÃO MORREU, MORREU. ELA SE TRANSFIGUROU, RECONFIGUROU. REENCARNOU.

E É SOBRE ESSA (OU MELHOR DIZENDO) ESSAS RENASCENÇAS, QUE EU TE CONTO NO ÚLTIMO EPISÓDIO DESSA SÉRIE.

----- CRÉDITOS -----

[TRILHA DISCO/GROOVY]

ESSE FOI O TERCEIRO EPISÓDIO DO PODCAST DISCOTECA FRENÉTICA, UMA NARRATIVA SOBRE O NASCIMENTO, ASCENSÃO, MORTE E RENASCENÇA DA MÚSICA DISCO.

EU SOU RAYSSA OLIVEIRA E FUI A RESPONSÁVEL PELA PRODUÇÃO, ROTEIRO E NARRAÇÃO DESSE EPISÓDIO

A PARTICIPAÇÃO MAIS QUE ESPECIAL É DO PROFESSOR LUIZ EDUARDO OLIVEIRA.

A VOZ QUE NARRA OS TRECHOS DO AUTOR TIM LAWRENCE É DE ÁLISSON LUIZ. A PESSOA QUE LEU A DECLARAÇÃO DO JORNALISTA NIK COHN E QUE É RESPONSÁVEL PELA EDIÇÃO DESSE EPISÓDIO É ADAILSON PAIVA.

E A REVISÃO FICOU POR CONTA DA MINHA ORIENTADORA, A PROFESSORA PATRÍCIA MONTEIRO.

PARA OUVIR OS QUATRO EPISÓDIOS QUE FAZEM PARTE DESSA DISCOTECA, BASTA SINTONIZAR NO SEU AGREGADOR DE PODCASTS PREFERIDO.

ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO.

APÊNDICE H - ROTEIRO DO EPISÓDIO 4

EPISÓDIO: RENASCENÇA

LEGENDA:

OFF

[INSTRUÇÕES DE TRILHA]

[SONORA/TRECHOS DE ENTREVISTAS]

[EFEITO SONORO DE PÁGINAS DE LIVRO SENDO FOLHEADAS SEGUIDA DE UMA TRILHA QUE INDIQUE CURIOSIDADE]

UM DOS LIVROS MAIS IMPORTANTES DA LITERATURA BRASILEIRA É NARRADO POR ALGUÉM QUE JÁ MORREU.

EM “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”, O PROTAGONISTA CONTA A SUA VIDA COM MUITA SINCERIDADE. TALVEZ, PORQUE DEPOIS DE MORTO, ELE NÃO PRECISASSE MAIS DAR SATISFAÇÕES.

ACHO QUE POR TER SIDO FILHA DE UMA PROFESSORA DE PORTUGUÊS, O MACHADO DE ASSIS INFLUENCIOU BASTANTE MINHA PERCEPÇÃO DE VIDA APÓS A MORTE.

EU GOSTO DE PENSAR QUE, DEPOIS DE MORRER, TODOS NÓS VAMOS SER TOMADOS POR ÍMPETO DE SINCERIDADE IGUAL A DO BRÁS CUBAS.

E COMO ESSA HISTÓRIA QUE VOCÊ ESTÁ OUVINDO É A DE UM GÊNERO MUSICAL DADO COMO MORTO, EU TAMBÉM NÃO PUDE DEIXAR DE PERGUNTAR COMO SERIA O PÓS-MORTE DA MÚSICA DISCO.

E EU TE ADIANTO QUE ELE FOI AINDA MAIS PRODUTIVO DO QUE VOCÊ PENSA.

[TRILHA GROOVY/DISCO]

A DISCO MUSIC É A ANTEPASSADA MORAL DE TUDO QUE É PRODUZIDO COMO MÚSICA POP NOS DIAS DE HOJE.

A INFLUÊNCIA DELA PODE SER VISTA EM TODOS OS LUGARES. POR EXEMPLO, NO TAMANHO DAS MÚSICAS.

FAIXAS POP SE TORNARAM MAIS LONGAS POR INFLUÊNCIA DAS CANÇÕES DISCO QUE TINHAM UMA DURAÇÃO MAIOR DO QUE AS DE OUTROS GÊNEROS MUSICAIS.

JÁ QUE PARA FACILITAR A VIDA DOS DJS QUE TINHAM QUE MANTER A MÚSICA SOLTA NA NOITE DURANTE TODA A FESTA, ERA COMUM QUE FAIXAS DISCO TIVESSEM UM CORTE MENOR PARA AS RÁDIOS. E VERSÕES DE MAIS DE DEZ MINUTOS PARA AS DISCOTECAS.

POIS É. A MÚSICA POP FICOU MAIS LONGA POR CONTA DA SUA MÃE, A DISCO.

[TRILHA ELETRÔNICA]

MAS NÃO FOI SOMENTE EM ASPECTOS MAIS TÉCNICOS QUE A DISCO SE MANTEVE PRESENTE. NA VERDADE, AS SUAS RECONFIGURAÇÕES FORAM BEM MAIS DIRETAS DO QUE ISSO.

AINDA NOS ANOS NOVENTA, POUCO MAIS DE UMA DÉCADA APÓS A SUA MORTE, ERA POSSÍVEL VER ELEMENTOS DA DISCO EM GÊNEROS COMO A HOUSE MUSIC, POR EXEMPLO.

[SONORA 1 - PROF. LUIZ EDUARDO OLIVEIRA: (30:38-30:51)]

[TRILHA POP]

A PARTIR DE DOIS MIL, A MÚSICA POP COMEÇA A SER TOMADA POR UMA ONDA DE NOSTALGIA DA DISCO. É DAÍ QUE ARTISTAS COMO A CANTORA AUSTRALIANA KYLIE MINOGUE COMEÇAM A FAZER A “NU-DISCO”, UMA NOVA VERSÃO DO GÊNERO.

EU CONVERSEI COM UM DOS MAIORES FÃS DA KYLIE QUE EU TENHO O PRAZER DE CONHECER. LUIZ EDUARDO FRANÇA É MEU COLEGA NO CLUBE DO CAFÉ DA MANHÃ, PODCAST E SITE DE CULTURA POP DAQUI DE JOÃO PESSOA.

[SONORA 2 - LUIZ EDUARDO FRANÇA: (00:22-00:33)]

ALÉM DISSO, LUIZ TEM UM PODCAST JUNTO COM UM AMIGO CHAMADO “CADÊ O DJ?”, DEDICADO A FALAR SOBRE A CARREIRA DA KYLIE MINOGUE.

[SONORA 3 - LUIZ EDUARDO FRANÇA: (51:59-52:33)]

LUIZ É AQUELA PESSOA CUJO OLHO BRILHA AO FALAR DAQUILO QUE ELE GOSTA. É GENUINAMENTE LINDO OBSERVAR COMO A MÚSICA ESTÁ DIRETAMENTE LIGADA A QUEM ELE É COMO PESSOA.

A GENTE CONVERSOU EM UMA VIDEOCHAMADA DE MAIS DE UMA HORA SOBRE A KYLIE MINOGUE E A RELAÇÃO DELA COM A DISCO. ESPECIALMENTE, SOBRE O SUCESSO “CAN’T GET YOU MY HEAD”:

[SONORA 4 - LUIZ EDUARDO FRANÇA: (19:11-20:24 + 21:22-22:42)]

[RETORNO DA TRILHA POP]

OUTRA ARTISTA QUE SE AVENTUROU PELAS IDAS DA MÚSICA DISCO FOI MADONNA, NO SEU ÁLBUM “CONFESSIONS ON A DANCE FLOOR”.

O TRABALHO DE DOIS MIL E SEIS É REPLETO DE CANÇÕES DISCO E TODA A ESTÉTICA DE CLIPES, CAPA E ATÉ MESMO DOS FIGURINOS E PENTEADOS DE MADONNA REMETIAM AOS ANOS SETENTA.

O PRINCIPAL SINGLE DESSE ÁLBUM, HUNG UP, UTILIZA UM SAMPLE DE “GIMME! GIMME! GIMME! (A MAN AFTER MIDNIGHT)”, UM DOS MAIORES SUCESSOS DO ABBA.

NA MÚSICA ELETRÔNICA, NUNCA HOUVE PRETENSÃO DE QUE A DISCO TERIA, DE FATO, MORRIDO. O DUO DAFT PUNK SEMPRE UTILIZOU SAMPLES E ELEMENTOS DISCO NAS SUAS FAIXAS.

ADAILSON PAIVA, UMA DAS VOZES QUE VOCÊ OUVIU LENDO TRECHOS DE FALAS E LIVROS DOS AUTORES QUE EU CITEI EM OUTROS EPISÓDIOS, CURTE MUITO DAFT PUNK.

QUANDO EU PERGUNTEI A ELE O QUE TINHA DE “DISCO” NO CATÁLOGO DESSA DUPLA, FOI ISSO AQUI QUE ELE ME RESPONDEU:

[SONORA 5 - ADAILSON PAIVA]

ISSO NÃO É NENHUM UM POUCO INCOMUM, JÁ QUE A HISTÓRIA DA MÚSICA DISCO SE MISTURA MUITO COM A DE OUTROS GÊNEROS MUSICAIS COMO O SOUL, FUNK, HOUSE, EDM E POP.

E NÃO PENSE QUE A NOSSA GERAÇÃO NÃO TEVE O SEU PRÓPRIO “COMEBACK” DE MÚSICA DISCO. A QUESTÃO É QUE ELA VEIO EM UM PERÍODO NADA PROPÍCIO PARA FESTAS COM ESSA TRILHA SONORA.

[TRILHA NOTÍCIA SOBRE A COVID-19 (00:00-00:09)]

A PANDEMIA DE COVID DEZENOVE COINCIDIU COM UM DOS RETORNOS MAIS EXPRESSIVOS DA DISCO.

NA DÉCADA QUE A GENTE ESTÁ VIVENDO, OS “ANOS VINTE” DO SÉCULO VINTE E UM, ELA VOLTOU COM TUDO. O QUE OS PRODUTORES E CANTORES NÃO ESPERAVAM QUE FOSSE ACONTECER ERA QUE O ÚNICO LUGAR ONDE AS PESSOAS CONSEGUIRIAM DANÇAR ESSAS CANÇÕES ERAM AS SUAS PRÓPRIAS CASAS.

[TRILHA DISCO]

EM 2020, A CANTORA BRITÂNICA DUA LIPA LANÇOU UM ÁLBUM COMPLETAMENTE INSPIRADO NA MÚSICA ELETRÔNICA DO SÉCULO PASSADO. E CLARO QUE A MÚSICA DISCO NÃO FICARIA DE FORA DESSA MISTURA.

UM DOS SEUS MAIORES SUCESSOS, DON'T START NOW, NÃO É APENAS INSPIRADA NA MÚSICA DISCO. ELA É UMA MÚSICA PROPRIAMENTE DISCO.

OUTRO TRABALHO QUE EU CURTO MUITO É "WHAT'S YOUR PLEASURE?", DA CANTORA BRITÂNICA JESSIE WARE, QUE TAMBÉM FOI LANÇADO EM 2020.

A JESSIE FOI FUNDO NA ONDA DA DISCOTHÉQUE E CONTINUOU LANÇANDO TRABALHOS DO TIPO. SEU ÁLBUM MAIS RECENTE, "THAT! FEELS GOOD" TAMBÉM É INSPIRADO NA DISCO MUSIC.

OUTRO GRANDE SUCESSO DE 2020 QUE TINHA INSPIRAÇÃO NO "FOUR-ON-THE-FLOOR", RITMO PADRÃO DA MÚSICA DISCO, FOI SAY SO, DA CANTORA E RAPPER DOJA CAT. ALÉM DO IMPULSIONAMENTO PELA COREOGRAFIA DO TIKTOK, A CANÇÃO GANHOU UM CLIPE INSPIRADO NOS ANOS SETENTA.

[EFEITO SONORO DE CLIQUE EM UM GRAVADOR]

MAS EU PRECISO TE CONFESSAR QUE O MEU TRABALHO FAVORITO DE TODOS ESSES QUE SE INSPIRARAM NA MÚSICA DISCO FOI O RENAISSANCE, ÁLBUM DE DOIS MIL E VINTE E DOIS DA CANTORA BEYONCÉ.

AGORA, VOCÊ VAI TER QUE AGUENTAR A MINHA TIETAGEM DE FÃ.

PORQUE O SÉTIMO ÁLBUM DE ESTÚDIO DA BEYONCÉ NÃO REFERENCIA APENAS ELEMENTOS MUSICAIS E ESTÉTICOS DAS FONTES ONDE BEBEU.

ELE PEGA EMPRESTADO, E AO MESMO TEMPO EMPURRA PARA OS HOLOFOTES, AS PESSOAS QUE TORNARAM NÃO SÓ ESSE PROJETO, MAS A EXISTÊNCIA DA SUA DONA, POSSÍVEIS.

TEM PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE GRACE JONES, SAMPLE DE DONNA SUMMER E DA LENDÁRIA DRAG QUEEN MISS HONEY, REMIX COM MADONNA...

O RENAISSANCE RESSALTA A IMPORTÂNCIA DE MANTER VIVA NA MEMÓRIA DE OUTRAS PESSOAS NÃO SOMENTE QUEM ERAM AS DIVAS DA ERA DO DISCO, MAS TAMBÉM QUEM ABRAÇAVA ESSAS MULHERES E AS COLOCAVA NESSES PEDESTAIS.

ACHO QUE POR ESSE MOTIVO EU ESCOLHI O TÍTULO DE "RENASCENÇA" PARA ESSE EPISÓDIO. PORQUE NO RENAISSANCE, BEYONCÉ LEMBRA QUEM ERAM AQUELES QUE REALMENTE CRIARAM E MANTIVERAM A MÚSICA DISCO VIVA.

[EFEITO SONORO DE TURBINAS DE AVIÃO]

DESEMBARCANDO NO BRASIL, OS RETORNOS DA DISCO MUSIC TAMBÉM SÃO RECORRENTES.

ALÉM DE SER SEMPRE LEMBRADA EM FESTAS TEMÁTICAS E PELO IMPACTO QUE A EXIBIÇÃO DE DANCIN' DAYS TEVE NA MODA DA ÉPOCA.

UM DESSES EVENTOS É O “ASSUSTADO!”, REALIZADO AQUI NA CIDADE DE JOÃO PESSOA PELA JORNALISTA RUTH AVELINO, QUE ME CONTOU UM POUCO SOBRE COMO SURTIU A IDEIA DE REALIZAR UM EVENTO COMO ESSE E A SUA IMPORTÂNCIA.

[SONORA 4 - RUTH AVELINO: 00:02-02:20 + 00:00-1:25]

EM 2014, A TV GLOBO EXIBIU UMA NOVELA CHAMADA “BOOGIE OOGIE” QUE PRESTAVA HOMENAGENS A DANCIN' DAYS E SE PASSAVA NA DÉCADA DE SETENTA. A ABERTURA, O FIGURINO E A TRILHA SONORA ERAM MUITO INSPIRADOS NA CULTURA DAS DISCOTECAS.

[TRILHA COM GUITARRA GROOVY]

MAIS RECENTEMENTE, ESPECIFICAMENTE EM 2016, O GIGANTE DO RAP NACIONAL MANO BROWN, LANÇOU UM ÁLBUM INTITULADO “BOOGIE NAÍPE”, COM O OBJETIVO DE RESGATAR A BLACK MUSIC DO SÉCULO PASSADO.

E ENTRE AS REFERÊNCIAS, LÁ ESTÁ ELA, SIM, A MÚSICA DISCO.

AGORA EM 2023, O MINEIRO FABRÍCIO SOARES, O FBC, LANÇOU UM ÁLBUM INSPIRADO NO DANCE E NA DISCO MUSIC. JÁ PELA CAPA DO TRABALHO INTITULADO “O AMOR, O PERDÃO E A TECNOLOGIA IRÃO NOS LEVAR PARA OUTRO PLANETA” VOCÊ JÁ SABE O QUE TE AGUARDA. NELA, FBC APARECE SEGURANDO O FAMOSO GLOBO QUE COSTUMA FICAR PENDURADO NAS DISCOTECAS.

MAS EU TAMBÉM QUERIA SABER COMO OS DJS DE HOJE ENXERGAM O PAPEL DA DISCO NAS SUAS VIDAS. SE ELA EXERCE ALGUMA INFLUÊNCIA, COMO FOI O SEU CONTATO...

AFINAL, OS DJS FORAM OS RESPONSÁVEIS POR CRIAR A CULTURA DISCO HÁ MAIS DE CINQUENTA ANOS. FOI POR ISSO QUE EU CONVERSEI COM MARCELO FONTES, O ARTISTA POR TRÁS DO PROJETO “IGREJA DO SOM” QUE MARCA PRESENÇA EM VÁRIOS EVENTOS AQUI NA CIDADE DE JOÃO PESSOA.

[SONORA 5 - FONTES]

[EFEITO SONORO DE CLIQUE EM UM GRAVADOR]

DEPOIMENTOS COMO DE FONTES, CONVERSAS COMO AS QUE EU TIVE COM ADAILSON, LUIZ E RUTH, E PROJETOS DE ARTISTAS QUE EU AMO QUE ME LEMBRAM QUE A MÚSICA DISCO NUNCA MORREU.

ELA PASSOU POR APROPRIAÇÕES, DESCONTEXTUALIZAÇÕES, ONDA DE ÓDIO, MAS TAMBÉM FOI MUITO APRECIADA, AMADA E DANÇADA POR UMA LEGIÃO DE FÃS.

O MEU CONTATO COM A DISCO FOI NA INFÂNCIA, ATRAVÉS DO MEU PAI E DO MEU TIO. TALVEZ, OUTRAS PESSOAS DA MINHA IDADE TENHAM A MESMA EXPERIÊNCIA DE SEREM INFLUENCIADAS, EM ALGUM MOMENTO, POR PARENTES MAIS VELHOS.

MAS O QUE REALMENTE ME CHAMA ATENÇÃO É O FATO DE A DISCO ESTAR TÃO PRESENTE NA NOSSA CULTURA E SER RESGATADA TANTAS VEZES QUE VOCÊ NÃO PRECISA SER DA FAMÍLIA DE UM FÃ DE EMBALOS DE SÁBADO A NOITE PARA TER CONTATO COM ELA.

A DISCO ESTÁ EM TODOS OS RECANTOS DA HISTÓRIA DA MÚSICA POP E ELETRÔNICA. E, PARA MIM, ELA NUNCA MORREU.

APENAS FOI VÍTIMA DE ALGUNS ACIDENTES DE PERCURSO... QUE ACABARAM POR TORNÁ-LA AINDA MAIS ICÔNICA. AFINAL, QUANTOS GÊNEROS MUSICAIS PODEM DIZER QUE TEM UMA “DATA DE FALECIMENTO”?

EU TENHO CERTEZA QUE NÃO SÃO MUITOS.

A DISCO APENAS TEM UMA VIDA EM CICLOS. OU ATÉ MESMO CÍRCULOS. COMO OS QUE OS VINIS FAZIAM QUANDO ERAM COLOCADOS NAS VITROLAS.

OU QUANDO ERAM ENCAIXADOS NOS EQUIPAMENTOS DOS DJS PARA ANIMAR AS NOITES DE GRUPOS DE PESSOAS QUE, DURANTE O DIA, ERAM MARGINALIZADAS PELA SOCIEDADE,

FOI COM A MÚSICA DISCO COMO TRILHA SONORA QUE ESSAS PESSOAS ENCONTRARAM UM AMBIENTE DE ESCAPE, DE CRIAÇÃO DE COMUNIDADE E DE DIVERSÃO.

E É ASSIM ATÉ HOJE, NAS MEMÓRIAS DE MUITA GENTE E NAS PISTAS DE DANÇA QUE NUNCA VÃO ESQUECER O QUANTO DEVEM A MÚSICA DISCO.

----- CRÉDITOS -----

[TRILHA DISCO/GROOVY]

ESSE FOI O ÚLTIMO EPISÓDIO DO PODCAST DISCOTECA FRENÉTICA, UMA NARRATIVA SOBRE O NASCIMENTO, ASCENSÃO, MORTE E RENASCENÇA DA MÚSICA DISCO.

EU SOU RAYSSA OLIVEIRA E FUI A RESPONSÁVEL PELA PRODUÇÃO, ROTEIRO E NARRAÇÃO DESSE EPISÓDIO

AS PARTICIPAÇÕES MAIS QUE ESPECIAIS SÃO DO PROFESSOR LUIZ EDUARDO OLIVEIRA, LUIZ EDUARDO FRANÇA, ADAILSON PAIVA, RUTH AVELINO E MARCELO FONTES.

A EDIÇÃO DESSE EPISÓDIO É ADAILSON PAIVA.

E A REVISÃO FICOU POR CONTA DA MINHA ORIENTADORA, A PROFESSORA PATRÍCIA MONTEIRO.

PARA OUVIR OS QUATRO EPISÓDIOS QUE FAZEM PARTE DESSA DISCOTECA, BASTA SINTONIZAR NO SEU AGREGADOR DE PODCASTS PREFERIDO.

MUITO OBRIGADA POR TER NOS ESCUTADO ATÉ AQUI.

APÊNDICE I - ROTEIRO DO “EPISÓDIO 0”

COMECE POR AQUI

OLÁ! MEU NOME É RAYSSA OLIVEIRA E EU SOU ESTUDANTE DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. ESSE PODCAST VAI TE LEVAR POR UMA VERDADEIRA VIAGEM PELA HISTÓRIA DA MÚSICA DISCO.

UM GÊNERO MUSICAL SURGIDO NA DÉCADA DE MIL NOVECENTOS E 70 QUE, ESTRANHAMENTE, TEM DATA DE FALECIMENTO.

POIS É: A MÚSICA DISCO MORREU.

ESSA VIAGEM VAI PASSAR POR MAIS DE UM PAÍS, MAS EU ESTAREI CONTANDO A HISTÓRIA DIRETAMENTE DA CIDADE DE JOÃO PESSOA, CAPITAL PARAIBANA.

É QUE ESSE PODCAST É O MEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO, O TEMIDO TCC. EU DESENVOLVI ELE COM A ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA PATRÍCIA MONTEIRO, DO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO DA UFPB.

ESPERO QUE VOCÊ SE SINTA LEVADO PELA ONDA DAS DISCOTECAS E QUE SE SINTA INSTIGADO A RESPONDER A SEGUINTE PERGUNTA:

A MÚSICA DISCO MORREU MESMO?

É O QUE EU TE RESPONDO NOS PRÓXIMOS QUATRO EPISÓDIOS DESSA SÉRIE. BOA JORNADA!